

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

TEREZA CRISTINA ALMEIDA DE JESUS

**A RODA DE CONVERSA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

**Aracaju - SE
2018.2**

TEREZA CRISTINA ALMEIDA DE JESUS

**A RODA DE CONVERSA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

**Monografia apresentado à Faculdade Amadeus como trabalho de conclusão de curso e requisito básico para obtenção do Grau de Licenciatura Plana em Pedagogia.
Orientadora: Professora Dra. Maria auxiliadora Santos**

**Aracaju -SE
2018.2**

J58r JESUS, Tereza Cristina Almeida de
A roda de conversa como ferramenta de ensino na
educação infantil/ Tereza Cristina Almeida de Jesus. –
Aracaju, 2018.
71f
Orientador: Prof.^a Dra. Maria Auxiliadora Santos.
Monografia (Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia)
Faculdade Fama, 2018.
1. Pedagogia 2. Educação infantil 3. Roda de
conversa
4. Oralidade I – Santos, Maria Auxiliadora (orient.) II - Título
CDU: 37 (043.2)

A roda de conversa como ferramenta de ensino na educação infantil

Monografia apresentada à Sociedade de Ensino Superior Amadeus como requisito básico para obtenção do Grau de Licenciatura plena em Pedagogia.

Coordenador: Prof. Williams Santos

Orientadora: Professora Dra. Maria auxiliadora Santos

Avaliador: Professor Me. Eduardo de Andrade Gonçalves

Aprovado (a) com média: _____

Aracaju (SE) _____ de _____ de _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por estar a todo momento ao meu lado, mostrando-me a que caminho seguir. Obrigada pelo seu infinito amor!

A minha mãe que me alertou para a obtenção dessa licenciatura, o seu apoio foi fundamental.

Ao meu pai, que junto com minha mãe me concedeu a vida.

Ao meu esposo, pois sempre esteve em todos os momentos, me dando carinho e uma palavra de conforto.

A minha linda filha, por ter entendido o quanto essa formação é importante para mim. Obrigada filha, por compreender a minha ausência!

Agradeço, imensamente, a minha querida orientadora. Obrigada pelo acolhimento! Foi com você que aprendi o que é ser paciente, modesta e ter prazer em ensinar, senti isso em todos os momentos.

Obrigada a todos os professores da Faculdade Amadeus que tive o imenso prazer em conviver durante essa caminhada da minha formação acadêmica.

Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. Isso não tem nada que ver com a transferência de conteúdo e fala da dificuldade, mas ao mesmo tempo, da boniteza da docência e da discência.
(Paulo Freire)

RESUMO

O presente artigo teve como tema específico “A roda de conversa como ferramenta de ensino na Educação Infantil”. Nela, foi desenvolvida a oralidade com a orientação do adulto. Foi norteada pelos principais autores: Bizzo (2001), Schneuwly et al. (1997) e Freire (1996). Dentro do contexto surgiu um problema de estudo: Quais os benefícios que a Roda de Conversa pode proporcionar para o desenvolvimento da oralidade na Educação Infantil? O objetivo central foi investigar os benefícios da Roda de Conversa para o desenvolvimento da oralidade da criança. Os objetivos específicos foram: Identificar os tipos de roda de conversa; identificar sua finalidade realizada com crianças de 4 e 5 anos; analisar a intervenção do professor e analisar o desenvolvimento da oralidade. Foi uma pesquisa qualitativa baseada no método da pesquisa-ação. O trabalho de campo teve como sujeitos 30 alunos de 4 e 5 anos e 5 professores que atuam na Educação Infantil. Os instrumentos utilizados foram a observação, a entrevista e uma intervenção pedagógica. A execução da roda de conversa contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento de a oralidade devido promover o enriquecimento do pensamento da criança. A aprendizagem aconteceu quando o professor se dispôs a dialogar com o aluno. É com a oralidade que o sujeito adquiriu a tão sonhada autonomia.

Palavras-chave: Educação Infantil. Oralidade. Roda de Conversa.

ABSTRACT

This article has as its specific theme "The talk circle as teaching tool in Early Childhood Education". In it, orality was developed with the guidance of the adult. I was guided by the main authors: Bizzo (2001), Schneuwly et al. (1997) and Freire (1996). Within the context a problem of study arose: What benefits can the Talk Circle provide for the development of orality in Early Childhood Education? The central objective was to investigate the benefits of the Talk Circle for the development of orality of the child. The specific objectives were: Identify the types of talk circle; identify its purpose performed with children of 4 and 5 years; analyze the intervention of the teacher and analyze the development of orality. It was a qualitative research based on the research-action method. The field work had as subjects 30 students of 4 and 5 years and 5 teachers who work in Early Childhood Education. The instruments used were observation, interview and a pedagogical intervention. The execution of the talk circle contributed significantly to the development of orality because it promotes the enrichment of the child's thinking. The learning happened when the teacher was willing to dialogue with the student. It is with orality that the subject has acquired the much-desired autonomy.

Keywords: Early Childhood Education. Orality. Talk Circle.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 METODOLOGIA	11
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
3.1 A roda de conversa, um instrumento de fala e escuta	12
3.2 A atividade da leitura na roda de conversa.....	13
3.3 Conversa não é um simples bate papo.....	13
3.4 A aquisição da linguagem.....	15
3.5 O professor, um incentivador da oralidade.....	17
3.6 Sociolinguística.....	17
3.7 A oralidade	18
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	20
4.1 Observação.....	20
4.2 Análise do projeto.....	22
4.3 As entrevistas.....	36
4.3.1 Núcleos de significação constituído com base nas entrevistas realizadas e seus respectivos significados.....	37
4.3.2 Atividades estratégicas.....	37
4.3.3 Incentivo ao planejamento.....	42
4.3.4 A construção do ensino-aprendizagem.....	44
4.3.5 A relação teoria e prática no processo ensino aprendizagem.....	49
4.3.6 Organização.....	53
5 CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE A	61
APÊNDICE B	62
ANEXOS	68

INTRODUÇÃO

Nas Instituições de Educação Infantil existem algumas atividades realizadas cotidianamente, como a roda de conversa, contação de história, a hora do lanche, entre outros que atendem às necessidades de cuidar e educar. O presente artigo teve como a Roda de conversa como ferramenta de ensino na Educação Infantil.

Ao trabalhar na educação infantil, observei que as crianças gostavam de falar, tinham necessidade de dialogar, os pequenos sentiam-se maravilhados em ter um adulto escutando e procurando entender suas palavras que estavam em constante construção. Sendo assim, percebi a importância que o educador tem em escutar seu educando, visto que, a relação da criança com a roda de conversa faz parte da rotina.

Ao indagar, o professor dá possibilidades ao aluno a pensar e experimentar, é através das perguntas que surgirá a curiosidade para aprender sobre determinados assuntos que irão brotar naturalmente. Desta forma, a oralidade é essencial no ensino-aprendizagem, pois é com a linguagem que acontece a socialização, a construção do saber.

Norteei esse artigo por diversos autores favorecendo o melhor caminho a seguir. Bizzo (2001) mostra a importância das perguntas, visto que, é através do querer saber que o educando adquire conhecimentos. Schneuwly et al. (1997), traz a linguagem oral como missão da escola. Para abrilhantar ainda mais, Freire (1996), esclarece que o educando aprende através de suas próprias experiências. Foi de suma importância a contribuição de Morgado (2013), Leite (2014), que descrevem sobre o desenvolvimento da oralidade na educação infantil. Não poderia faltar leis que regulam a educação infantil como Referencial Curricular Nacional (BRASIL, 2002), e vários outros autores de produção acadêmica na área de Oralidade e Roda de Conversa como Lepre (2016), Neta (2014), Silva et al (2017), Melo (2014) Sousa e Straub (2014) e outros.

Acredito que uma roda de conversa sempre é diferente da outra, mesmo que seja sobre o mesmo assunto. Logo, no presente trabalho tive como objetivo central: Investigar os benefícios da roda de conversa para o desenvolvimento da oralidade. Os objetivos específicos foram: Identificar os tipos de roda de conversa; identificar sua finalidade realizada com crianças de 4 e 5 anos; analisar a intervenção do professor e analisar o desenvolvimento da oralidade. Dentro desse contexto surgiu

uma questão de pesquisa: Quais os benefícios que a Roda de Conversa pode proporcionar para o desenvolvimento da oralidade na Educação Infantil?

Foi uma pesquisa qualitativa, baseada na metodologia da pesquisa-ação. com crianças de 4 e 5 anos. Tive como instrumentos de coleta de dados a observação, entrevistas e uma intervenção pedagógica com o tema “Moradias no período Medieval”, tendo como foco os castelos. Foi possível despertar a imaginação das crianças através da execução da roda de conversa em conjunto com a pesquisa, aprimorando o uso da linguagem, aguçando a curiosidade a autonomia e desenvolver a oralidade. Realizei a observação em uma instituição de ensino integral, da rede municipal, onde a roda de conversa acontecia diariamente. Na sala de aula existiam duas professoras e trinta crianças de 4 e 5 anos de idade. Onde permaneci durante uma semana, no período da tarde, investigando e analisando essa ação.

Em seguida, executei uma sequência didática por categorias, com 30 crianças da educação infantil: A primeira foi a elaboração do problema e formulação de hipótese, na qual, realizei uma roda de conversa para identificar seus conhecimentos prévios. Na segunda utilizei uma pesquisa de informações em que os alunos selecionaram livros sobre o tema abordado. Na terceira a análise das informações, fizeram a comparação entre o conhecimento da criança e o que existia nos livros. Na quarta houve a análise dos registros, fizeram a comparação do cotidiano atual com a vivência dos moradores dos castelos medievais. A quinta foi o registro da criança, a construção da maquete, em que, o educando explorou a posição organizacional dos espaços. A sexta foi a apresentação dos resultados, após a construção do castelo foi realizada a exposição.

Entrevistei 5 professoras que atuam na educação infantil, com base no roteiro de entrevista, concebida por mim, em que obtive respostas para a realização desse trabalho.

2 METODOLOGIA

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

Realizei o trabalho em uma instituição de ensino integral de Educação Infantil que atendem, crianças de 3 a 5 anos de idade, correspondendo aos anseios preteridos pela pesquisa. O presente projeto foi uma pesquisa qualitativa, baseada na metodologia da pesquisa-ação. Foi realizada com crianças de 4 e 5 anos. A pesquisa analisou uma intervenção pedagógica com o tema “Moradias no período Medieval”, tendo como foco os castelos.

Executei por meio da pesquisa bibliográfica, em livros e revistas eletrônicas e vários artigos, alguns autores que nortearam esse projeto, favorecendo seu enriquecimento. Realizei através de categorias:

A primeira categoria foi a elaboração do problema de pesquisa e formulação de hipótese, realizei uma roda de conversa, pelo qual foi verificado seus conhecimentos prévios, para Morgado (2013, p.29) “é na interação adulto criança que inicia o desenvolvimento da linguagem, para isso o ambiente e as relações estabelecidas são fundamentais”. É na socialização que a criança expressa seus questionamentos e conhecimentos.

Na segunda, executaram uma pesquisa de informação pela qual os alunos verificaram nos livros selecionado o tema abordado, através de seus conhecimentos prévios reconheceram os castelos como moradia, Bizzo (2001, p.21) diz que” [...] No conhecimento cotidiano, há coincidência entre causa e intenção; nada ocorre por mero acaso, tudo é prático, aplicável [...]”. Sendo assim, é com o concreto que o sujeito adquire o conhecimento.

Na terceira, executaram a análise de informação, fizeram a comparação no que haveria no livro e o pensamento das crianças. Na quarta foi realizada a análise de registros, nela as crianças fizeram a comparação do cotidiano das pessoas que moravam nos castelos com o dia a dia atual.

Na quinta, aconteceu o registro das crianças, em que os alunos construíram um castelo, foram a todo momento orientados sobre a posição do espaço. Vale ressaltar que ao construírem a maquete com materiais recicláveis, os educandos foram conscientizados sobre o aproveitamento do lixo, como forma de reutilização. O professor Vital Didonet (2016) relata que: “A criança deve ser moldada...é papel do educador orientar a criança a criar bons hábitos para tornar-se um adulto consciente”. É na educação infantil que a criança inicia a aceitação do ponto de vista do outro,

através da oralidade. Segundo Vygotsky (1998) apud Silva e Muller (2014), “as pessoas não nascem como um copo vazio, elas são formadas de acordo com as experiências às quais são submetidas”. Então, cabe ao educador promover experimentos para despertar os pensamentos dos educandos.

A sexta categoria foi a apresentação dos resultados, em seguida houve uma exposição da maquete, pelo qual os educandos explicaram a obra para os demais alunos que estavam presentes.

Entrevistei 5 professores que atuam na educação infantil. Marcone e Lakatos (2003, p.196) diz que: “A entrevista trata-se, pois de uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistador verbalmente a informação necessária”. Entende-se que a entrevista é um mecanismo de suma importância para a coleta de dados nos vários setores das atividades, em vista disto, foi necessária sua realização da presente pesquisa.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A roda de conversa, um instrumento de fala e escuta.

A roda de conversa é um mecanismo pedagógico que contribui para a autonomia do educando. Um instrumento de voz e de escuta da criança, potencializando a prática política e de escuta qualificada e expositiva.

A Roda está presente ao longo da história da humanidade em diferentes Instituições, com diferentes objetivos, em diferentes culturas, épocas e lugares. Em todas essas instâncias, a Roda tem um fim em comum: reunir as pessoas. É uma prática social, um funcionamento dos humanos. (BOMBASSARO, s/d, p.3)

Em uma roda de conversa o professor faz perguntas ao aluno, ele dará possibilidades ao educando a pensar e experimentar, é através das perguntas que a criança vai gerar curiosidade para aprender. As indagações aguçam a curiosidade da criança deixando-a de ser passiva para ser ativa. O professor provoca a criança atiçando sua curiosidade.

Apesar de parecer, à primeira vista, que o aluno nada sabe, uma series de perguntas pode revelar uma situação muito diferente. Por vez o aluno aprende durante a própria entrevista, quando o pesquisador explora as respostas do entrevistado. (BIZZO, 2001, p.38).

A roda de conversa é uma interação entre as crianças e o professor, em que o educador terá um conhecimento sobre seus educandos, essa socialização colabora para o entendimento das prováveis questões que aparecerão no grupo. Assim como

instigar as ideias, sentimentos e desejos, por meio de diálogos irão surgindo formas de resolver possíveis questões.

Não é o objeto em si e nem o interpretante do objeto, ou seja, cada vez que participo de uma Roda, produzo significados para o que vejo, escuto e percebo e esses significados estão relacionados a tudo o que já vi, vivi, li e experimentei. (BOMBASSARO, S/D, p.4)

É através da roda de conversa que é possível viabilizar propostas pedagógicas que possibilitem a atuação ativa das crianças. A roda de conversa possibilita a criança a ver o outro, como um sujeito significativo do grupo, é pelo diálogo que a criança inicia a troca de ideias, logo, o educando percebe o outro, como sujeito, e que como sujeito ele precisa ser considerado e valorizado, então, cabe ao professor o papel de mediador, para orientar a troca de aprendizagem que surgirá durante o diálogo.

A conversa é um momento de bastante relevância nas instituições de Educação Infantil. Em um grande círculo, no qual uma criança fica de frente para outra; quando todos estão acomodados, o professor orienta os alunos, para que falem um de cada vez, respeitando o momento da fala de cada um. Nesse momento as crianças dialogam sobre os acontecimentos, ou seja, suas vivências. Cardoso (s/d) diz que: O estímulo à curiosidade e a livre expressão das crianças através do diálogo requer, dos educadores, a aquisição de saberes necessários para a prática docente. Mediante dos diálogos o professor conhecerá cada um de seus alunos, contudo, o educador poderá desenvolver atividades com assuntos que lhes interessam.

3.2 A atividade da leitura na roda de conversa.

Quando o professor lê um conto, depois faz indagações sobre o que foi lido, a criança, busca usar a oralidade aflorando seus pensamentos. Segundo Campos (1997; apud NETA 2014, p.91) a atividade de leitura é de suma importância na roda de conversa, para a criança e o professor. O uso da contação de história em roda de conversa é desafiador por ser um recurso que estimula a imaginação, a linguagem e o gosto pela leitura e enriquecendo também o vocabulário.

O ato de ouvir e contar história é direito da criança, pois ela deve ter acesso aos livros mesmo que ainda não saiba ler, firmando-se como um incentivo à leitura e ao acesso a linguagem. Observa-se que o professor cumpre um importante papel em relação a contação de história dentro da sala ao formar leitores ou ao menos contribuir para que ocorra esta formação. (NETA 2014, p.91,)

Sendo assim, o professor deverá ter uma formação adequada para incentivar as crianças para o uso da oralidade, visto que, a contação de história é de

estrema importância dentro de creches e das escolas que aderem à educação infantil. O docente deve oferecer doses diárias de leitura ao educando, deixando livre para escolher o que quer escutar, a criança deve sentir-se familiarizada com a história.

A criança emite sua opinião na roda de conversa, relata sua forma de ver o mundo que o rodeia, quando o aluno fala, o educador terá que escutá-lo e não emudecer, Cardoso (s/d, p.4) diz que: “Quando aprendemos a escutar, paciente e criticamente o educando, podemos passar a falar com ele e não falar para ele, como se fôssemos detentores da verdade a ser transmitida”. Nesse contexto, quando uma criança fala e escuta, aprende a exercer sua cidadania conseqüentemente, constrói sua própria identidade.

Portanto, a roda de conversa contribui para o desenvolvimento da aprendizagem do educando de forma prazerosa.

3.3 Conversa não é um simples bate papo.

É na roda de conversa, em que o aluno se expressa, contudo, o diálogo poderá partir da criança, como o tema a ser inserido pelo professor, a criança contribui para a mudança naturalmente. Quando o orientador é democrático, sem rigidez a conversa flui, o desenvolvimento acontece. Segundo Vasconcellos (2006), ficar em silêncio é ficar imóvel, é morrer aos poucos, é contribuir para a alienação. Portanto o uso da voz na Educação Infantil é fundamental para acontecer a tão esperada mudança.

Ouvir as crianças é fundamental para o entendimento desse instrumento pedagógico e é uma forma de ofertar uma escuta qualificada para identificar o que pensam e como representam, ou seja, como significam esse aspecto do cotidiano educativo. (SILVA, et al 2017 p. 114).

A oralidade deve ser trabalhada com a criança diariamente, deve haver uma intencionalidade em tudo que o professor trabalha, assim, quando uma criança escuta um conto, brinca com seus pares, dialoga com um professor está desenvolvendo sua aprendizagem de forma eficaz, pois uma criança que não fala deixa de expressar suas ideias tornando-se cada vez mais passiva no futuro.

Para a criança se tornar ativa o educador terá que desenvolver atividades que o faça socializar através da comunicação Oral. Haydr (2006) declara que: o professor vê o aluno como um sujeito ativo, que expressa suas ideias, constroem conceitos e que através de sua vivência resolve problemas, desenvolvendo seu próprio

conhecimento. Os conhecimentos prévios são de fato um fator fundamental, pois auxilia o aluno a se desenvolver, através das experiências vividas.

Quando o professor concebe o aluno como um ser ativo, que formule ideias, desenvolva conceitos e resolva problemas de vida prática através de sua vida mental, construindo, assim, seu próprio conhecimento, sua relação pedagógica muda. Não é mais uma relação unilateral, onde um professor transmite verbalmente conteúdos já prontos a um aluno passivo que os memoriza. (HAYDR, 2006, p.61)

O educando terá que ter um ouvido sensível para absorver saberes, que surgirão. A família é fundamental para o processo de aprendizagem do educando, pois será através do diálogo com esta última, que o professor saberá das vivências dos alunos. A pedagogia freiriana, deixa claro que a conversa do educando e do educador não é um simples bate papo, ele diz que o diálogo tem um objetivo, um significado uma troca de saberes, que desse momento haverá uma construção de conhecimento que provavelmente perpetuará por toda vida do futuro adulto e do professor.

(...) a educação dialógica parte da compreensão que os alunos têm de suas experiências diárias (...), minha insistência de começar a partir de sua descrição sobre suas experiências da vida diária baseia-se na possibilidade de se começar a partir do concreto, do senso comum, para chegar a uma compreensão rigorosa da realidade. (FREIRE, 1996, p. 131).

Diante disso, a roda de conversa é fundamental para a construção de conhecimento, visto que, é com esta prática que o professor conhece o cotidiano do educando de maneira significativa, é com a oralidade que o educando desenvolve habilidade da expressão.

3.4 A aquisição da linguagem.

Para ser um bom comunicador é necessário dominar os diversos sistemas linguísticos. Segundo Morgado (2013), os seres humanos possuem dois Hemisfério do cérebro que contribuem para a comunicação. São eles: O hemisfério direito, é responsável pelos aspectos emocionais da comunicação e o esquerdo, este último é responsável pelo desenvolvimento de diversas habilidades de linguagem, as áreas posteriores da fissura são responsáveis pela compreensão da linguagem e a anterior, pela linguagem expressiva.

A maioria das crianças aprende a linguagem auditiva oral sem treinamento formal. Sua experiência com múltiplas interações entre cuidadores e outros nos primeiros 5 anos de vida, em geral, é suficiente para capacitá-la a entender a fala dos outros e falar. Quer parecer que existe uma prontidão biológica que capacita o bebê e a criança pequena a adquirirem linguagem auditivo oral com uma velocidade surpreendente, de modo um tanto

independente de qualquer necessidade de treinamento formal. As habilidades comunicativas de ler e escrever, contudo, são obviamente habilidades que elas devem adquirir numa situação de aprendizagem mais formal. (BOONE; PLANTE; 1994, p.24 apud MORGADO, 2013, p.23)

A criança começa a entrar no mundo da verbalização através do choro, do sorriso, dos balbucios. A partir de 3 a 4 meses ela começa a se comunicar com olhar, o choro, sorrisos. Com 9 a 10 meses, com gestos e vocais, é quando inicia a linguagem oral. Morgado (2013, p.25) diz que: “A relação entre criança e o adulto se constitui a partir de muitos sinais, os quais a criança irá buscar para atrair a atenção.” A aquisição da linguagem depende de um excelente desenvolvimento de todas as estruturas cerebrais, desde um parto sem problemas a uma relação social a partir do nascimento.

Com dois anos de idade as crianças são capazes de organizarem as palavras. Aos três anos começam a fazer perguntas e elaborar possíveis respostas, a identificação do grau de desenvolvimento dependerá do feedback.

O tipo de resposta que a criança irá produzir dependerá de seu grau de desenvolvimento: quanto mais baixo for o nível de desenvolvimento, mais limitadas serão as capacidades de respostas da criança, especialmente do ponto de vista da confiabilidade. (ZORZI; HAGE; 2004, p.32 apud MORGADO, 2013, p.28)

Durante toda infância a linguagem se torna representativa, a capacidade de adquirir a oralidade é concebida durante esta fase. Existem diferentes funções linguísticas, Morgado (2013) diz que a Linguagem Simpráxica é aquela que não se diferencia da ação direta; a Planificadora é que antecipa e orienta a ação e a Narrativa, esta é ligada a uma situação presente. A linguagem se torna expressiva, desprendendo-se da ação; durante toda a infância a criança vai obtendo essa capacidade; paulatinamente passa a reconstituir fatos sucedidos e a antecipar os fatos não ocorridos.

É com a interação que acontece pouco a pouco a linguagem, a mãe, o pai, os irmãos, os educadores e o convívio nas instituições de educação infantil. As crianças adoram ouvir as histórias, manusear livros, escutar músicas, cantigas de roda, dançar, eles interagem por meio das brincadeiras com seus pares e os professores. Essas práticas diárias são fundamentais para desenvolver a aquisição da linguagem oral.

3.5 O professor, um incentivador da oralidade

Os docentes necessitam de um certo preparo para a execução da roda de conversa, ou seja, precisam de informações que os levem a exercer esta ação. Para Schneuwly et al (1997, p.2) “O professor cuida, portanto, de motivar a expressão, aproveita todas as oportunidades que surgem para dar a palavra à criança e para estimulá-la a fazer uso dela.” Então fica claro que o professor deve conversar com o aluno, deixando que o mesmo seja o centro da aprendizagem e não um mero espectador.

A oralidade é uma missão da escola, é com a mesma que se constrói o conhecimento na Educação Infantil é necessário observar as cenas improvisadas, assim como, as experiências vividas e as pesquisas. Dentro deste contexto, Schneuwly et al. (1997, p 2) afirma que o currículo do Ensino Fundamental: “Levar o aluno a descobrir-se a si mesmo; estimulá-lo a manifestar suas ideias, seus sentimentos; incitá-lo a comunicar-se com os outros; ajudá-lo a fazer-se entender pelos outros”. Logo, o aluno descobre-se através de sua própria palavra e faz-se entender. A oralidade desenvolve-se por meio dos desejos, sentimento e estímulo estingado pelo docente.

[...] no processo de construção do conhecimento, as crianças utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação. (BRASIL, 1998, p. 21 apud MORGADO, 2013, p.30)

A manifestação da criança concretiza-se pela expressão oral, onde é demonstrada suas emoções e fantasias, assim, a dimensão comunicativa é concentrada na expressão pessoal do educando. A oralidade é a principal ferramenta de aprendizagem, então para obter um desempenho eficaz, o professor deve saber intervir de forma direta e indireta de maneira natural.

3.6 A sociolinguística

A Sociolinguística tem o objetivo de estudar a língua inserida na comunidade que se comunica. Existe a Sociolinguística Interacionista, que estuda a língua nas suas interações sociais, no convívio com o outro e a Sociolinguística variacionista, que estuda as variações e transformações da língua no contexto da diversidade cultural. Na educação é fundamental socializar os dois procedimentos sociolinguístico, o

professor da educação infantil contará com os tais conhecimentos, pois é a partir da oralidade que o educando adquire a escrita, já que a comunicação oral vem antes da escrita.

Como precursor da Sociolinguística Interacionista temos Vygotsky (1896-1934). Segundo o autor, é na interação que as crianças trocam conhecimentos, ampliam esses conhecimentos e constroem possibilidades de comunicação. Nesse pensamento, a interação favorece o contexto em que a criança faz uso da linguagem, atribuindo, dessa maneira, significados para esta, tanto nas suas relações intrapessoais como interpessoais. (LEITE, 2014, p.58)

A preocupação da Sociolinguística é com o uso da língua dentro de uma sociedade de fala, onde os grupos conversam de várias maneiras, mesmo diante da diversidade que existe nessas comunidades, conforme a sociolinguística, o uso da fala depende da situação de costume, sendo assim, não existe fala incorreta, a criança fala de acordo com sua vivência, seu convívio familiar e escolar, o professor deve intervir de maneira que a fala da criança seja considerada. Leite (2014, p 58) afirma que: “Quando usamos a linguagem, estamos interagindo e colocando em prática estes papéis sociais, seja em casa, na escola ou em qualquer lugar que estejamos.”

3.7 A oralidade

A palavra oral refere-se a tudo que se transmite pela boca. É com o aparelho fonador humano que a linguagem falada é concretizada, esse aparelho é composto pelas cavidades ressonância (faringe, boca e o nariz), pela laringe onde o som é criado e o aparelho respiratório.

Diante disso, o domínio do oral se desenvolve, primeiramente, nas e pelas interações das quais as crianças participam, é o que comprovamos diante das pesquisas na área, isto tem apontado para a necessidade do ensino dos gêneros orais nas escolas de Educação Infantil, na faixa etária de quatro e cinco anos de idade e favorecer a inserção dessas crianças em práticas sociais presentes no seu dia a dia. (LEITE, 2014, p. 60)

Para se lecionar os gêneros orais é necessário que haja uma ficcionalização, essa interpretação pode ser determinada como representação intrínseco e percepção de gênero, enquanto mecanismo de interação social, e conjectura quatro elementos da produção: o emissor, o receptor, o objetivo, a intencionalidade e o lugar social. Leite (2014, p.60) afirma que: “Ao mesmo tempo em que os gêneros são necessários para atender as novas práticas sociais, eles também ocasionam novos modos de ver a realidade, isto é, podem provocar mudanças nos

contextos sociais”. Logo ao utilizar a oralidade proporciona a mudança, pois é através dessa interação que os papéis sociais são colocados em prática.

A presença da oralidade na Educação Infantil é bastante visível, ela está presente em todas as áreas de conhecimento, as instituições precisam estar preparadas para executar experiências consideráveis por meio da linguagem oral, logo, o acesso a expressão da comunicação acarreta ao desenvolvimento letrado, pois está relacionado as competências linguísticas: escutar, falar, ler e escrever. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, (Brasil, 2002, p.138) esclarece que “[...] é importante planejar situações de comunicação que exijam diferentes graus de formalidade, como conversas, exposições orais, entrevistas e não só a reprodução de contextos comunicativos informais.” O objetivo do professor é proporcionar atividade que envolva toda a área do conhecimento do educando, considerando seu modo de falar, sentir, ouvir, respeitando suas opiniões, colaborando com a construção do conhecimento através do lúdico. Leite (2014, p.64), ressalta que:

[...] a aprendizagem da linguagem oral é importante para as crianças ampliarem suas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais, já que o trabalho com a linguagem se constitui em um dos eixos básicos da Educação Infantil, dada sua importância para a formação do sujeito, para a interação com as outras pessoas, para a orientação das ações das crianças, para a construção de conhecimentos e para o desenvolvimento do pensamento e deve ser vivenciada interdisciplinarmente e até transdisciplinarmente, pois o dialogar face a face com o outro requer perpassar à interdisciplinaridade.(LEITE, 2014, p. 64)

A criança começa a construir a oralidade desde de seu nascimento, na medida em que começa relaciona-se com o outro, apesar da iniciação da interação ser com a família, é na educação infantil que se amplia pela troca de saberes com professores e todos que convivem diariamente. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, (Brasil, 2002, p.125), “[...] a construção da linguagem oral implica, portanto, a verbalização e a negociação de sentidos estabelecidos entre pessoas que buscam comunicar-se”. Logo a obtenção da prática da linguagem oral é fundamental, um currículo que esteja preocupado com a criança, que conheça sua vivência, que promova um ambiente oportuno para a oralidade, que esta deve ter a mesma importância quanto a escrita, que haja planejamento, abrangendo todos os profissionais e que estes estejam conectados à criança.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Observação

Realizei a observação em uma instituição de ensino integral localizada na rede municipal, na qual a roda de conversa acontecia diariamente. Na sala de aula existiam duas professoras e trinta crianças. A observação foi praticada durante uma semana no período da tarde, com crianças de 4 e 5 anos na educação infantil. Ludke e André (2012, p.26) diz que: “[...] a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens.”

No primeiro dia, foi constatado que há um certo trabalho por parte das professoras para conduzir as crianças a sentarem.” -- A rodinha pessoal!” Era desse jeito que a professora “A” os chamavam para a execução da roda de conversa. Os discentes queriam correr sem parar, contudo, a docente demonstrou um certo controle, conseguindo que eles sentassem no chão.

Na primeira roda, a docente “A” contou uma história. As crianças gostaram de escutar, porém o que eles mais apreciavam eram as imagens, há todo momento pediam para a professora mostrar as ilustrações dos livros, então a mesma lia, fazia perguntas e mostrava as imagens coloridas. Segundo Campos (1997 apud Neta 2014, p.91): “O ato de ouvir e contar história é direito da criança, pois ela deve ter acesso aos livros mesmo que ainda não saiba ler, firmando-se como um incentivo à leitura e ao acesso a linguagem”. Os educandos ficaram inquietos, pois era um momento prazeroso para eles.

No segundo dia, no terceiro e no quarto dia a roda de conversa era iniciada da mesma forma, primeiro com uma pergunta. “Que dia é hoje?” Alguns alunos sempre respondiam certo e além de responder faziam algumas afirmações dizendo:

--- *Tia hoje é segunda.*

Professora “A”

--- *Por que você acha que hoje é segunda?*

O aluno:

--- *Porque amanhã eu não “vim” pra escola.*

A professora explicou que ele estava certo, porém ontem foi outro dia. Então voltou a perguntar: Que dia foi ontem? Uns diziam que era domingo outros terça. O professor Vital Didonet (2016) relata que, quanto mais faz perguntas a criança, ela dará respostas diferentes, devido a sua curiosidade não ter fim. Ao indagar o professor produz possibilidades aos alunos a pensar, é através das perguntas que a criança vai gerar

curiosidade para dar diferentes respostas conseqüentemente os conhecimentos irão surgindo.

Quando a professora “A”, começava a roda de conversa, os alunos queriam ao todo momento sua atenção, todos queriam falar ao mesmo tempo, os assuntos eram variados, pois traziam de casa suas indagações, a educadora os escutava, e tentava responder. Segundo Freire (1996) o educando constrói seu conhecimento com pensamentos e ações, ou seja, falando e ouvindo, dessa forma ele será o sujeito do processo de aprender, a curiosidade estimula o ensino-aprendizagem, contudo, o conteúdo deve ser abordado de forma dinâmica.

No quinto dia por ser uma sexta-feira não houve a roda de conversa, alguns alunos perguntaram pela rodinha, mas a professora não explicou, porém houve brincadeiras como: brincadeira da cadeira, de roda, passa a bola e outras.

As mesas eram arrumadas de forma em que as crianças ficavam de frente para a outra, existia interação, os alunos quando estavam desenvolvendo a coordenação motora com as massinhas de modelar ou mesmo com uma atividade de pintar, conseqüentemente elas ampliavam sua oralidade, pois a conversa entre os discentes e as professoras acontecia a todo momento. A professora “A” dificilmente os mandava silenciar. mostrando total interesse na aprendizagem dos seus alunos. Morgado (2013, p.31) afirma que: “É na interação adulto criança que se inicia o desenvolvimento da linguagem, para isso, o ambiente e as relações estabelecidas são fundamentais.” É na educação infantil que se amplia a oralidade pela troca de conhecimento com professores e todos que convivem diariamente.

Porém, a **professora B**, não conduzia a roda de conversa da mesma maneira, pois não deixava os alunos se expressarem, cantava duas ou três músicas, fazia uma pergunta, quando a criança pensava em responder, mandava os mesmos silenciarem, mostrando total desinteresse pelos pequenos. A todo momento era só a professora que falava, ou seja, falava para as crianças, e não com elas. Silva et al, (2017, p.104) relata que: “A roda apresenta princípios democráticos, permitindo, portanto, ao permitir relações horizontalizadas, distribuição do poder entre os participantes, autonomia, liberdade de expressão e de escuta.” A criança é transformada em sujeito ativo, quando o educador tem um olhar atento ao seu educando, deixando de lado a rigidez e a alienação.

A roda de conversa é utensílio pedagógico que contribui para a autonomia da criança, potencializando a prática política e de escuta qualificada e expositiva. É importante

salientar que o docente terá que planejar a Roda, por existir sempre uma intenção ao realiza-la.

4.2 Análise do projeto

É devido a pesquisa que o educando exercita sua criatividade, indaga para obter resultados. Sendo assim, compete ao professor executar o ato da pesquisa, já que só se aprende a ciência realizando a investigação.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazem se encontram em um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FERREIRA, 1999, p. 32 apud PENITENTE, 2012, p. 22)

A pesquisa é uma forma de desafiar o saber da criança e do professor, é através da experiencia que a criança demonstra seus gostos, interesses, sentimentos, sua opinião e conseqüentemente a autonomia, é quando acontece a troca de conhecimento.

A preocupação em ouvir as crianças nas pesquisas em educação é recente, e os desafios são muitos e estão relacionados à desconstrução de práticas e discursos cristalizados que por séculos orientaram nossos saberes e fazeres, principalmente no que se refere às crianças. Por que, para que e, sobretudo, como ouvir os “desimportantes” da educação? (CALLAI, 2013 p. 207)

Desenvolvi o projeto em uma turma do 2º período, no turno da tarde, com crianças entre 4 e 5 anos, foi realizada em uma instituição da rede pública de ensino que atende as crianças em tempo integral, onde na sala de aula existia 30 alunos e duas professoras. O presente projeto foi uma pesquisa qualitativa, baseada na metodologia da pesquisa-ação. A pesquisa analisou uma intervenção pedagógica com o tema “Moradias no período Medieval”, tendo como foco os castelos. Para análise dos resultados, utilizei 6 categorias de análise: A elaboração do problema de formulação de hipótese; pesquisa de informações; análise das informações; análise dos registros; registro da criança (construção da maquete) e apresentação dos resultados. As categorias foram escolhidas por acreditar que o educando aprende através da investigação analisando o problema, as informações e registrando-as, formulando hipótese, conseqüentemente adquirindo e comunicando os resultados.

Categoria 1: A elaboração do problema e formulação de hipótese.

Na primeira categoria apresentei para as crianças o tema que seria trabalhado, informei o produto final (construção de uma maquete). Iniciamos sentados no chão em círculo, conforme mostra a figura 1 e questionei as crianças sobre o que seria essa moradia medieval. Elas disseram não saber, mas quando falei das características desse tipo de moradia elas logo falaram dos castelos. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 2002, p. 21), diz que:

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próximas às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender, nas trocas sociais, com diferentes crianças e adultos, cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas. (BRASIL, 2002, p.21).

É importante questionar para obter resultados, quando o educador indaga ele provavelmente está esperando diversas respostas, devido ao conhecimento do educando ser vasto, as respostas da criança não têm limite. Nas palavras de Schhnewly et al. (1997, p 02) “O professor cuida, portanto, de motivar a expressão, aproveita todas as oportunidades que surgem para dar a palavra à criança e para estimulá-la a fazer uso dela”. Contudo, o educador deverá ser democrático para escutar, apesar que a criança também aprende com suas indagações chegando a uma conclusão, como é mostrado em suas falas.

Figura 1 – Conhecimentos prévios



Figura 1- Acervo do autor

Criança A: “- As torres tia!”

Criança B: “- Vamos falar das princesas?”

Criança C: “- Do tubarão?!?”

Criança D: “- Será que vamos fazer a roupa?”

Criança E: “- O castelo pode ser mal-assombrado. No DVD de Scooby doo tem castelo mal-assombrado!!”

Nesse sentido, mostra que os alunos já sabiam do que se tratava, apesar da pouca idade, eles têm uma leitura do mundo, desde muito cedo, entendem o diálogo, contudo, conversam determinados assuntos mostrando a maneira de ver o mundo. É evidente a ação da oralidade na formação cognitiva do educando.

A construção e o domínio da linguagem, em específico, da linguagem oral, contribuem significativamente para a integração da criança da Educação Infantil nas diversas esferas do seu convívio social e propiciar a melhor forma de desenvolvê-la é um compromisso, que deve ser vivenciado por todos, visto que os estudos sobre a linguagem oral e as novas perspectivas nas áreas sociais e culturais proporcionam um olhar reflexivo[...] (LEITE, 2014, p. 65)

A oralidade é conhecida como social, ela é vivenciada pela criança em todo momento, por fazer parte do desenvolvimento intelectual, culturais e corporal, é através da oralidade que a criança está introduzida no mundo, é fundamental que a mesma saiba como falar o que falar para conquistar sua provável independência.

Categoria 2: Pesquisa de informações

Como a todo momento houve comunicação e mudanças de interpretação referente a pesquisa, o desenvolvimento da oralidade dentro da investigação foi evidente, segundo Schneuwly et al (1997; p.05) “ As formas cotidianas de produção oral, que normalmente os alunos dominam bem, funcionam principalmente sob a forma de reação imediata à palavra de outros interlocutores presente”. Portanto, a palavra direcionada é comum, podendo ser o início da palavra do outro.

Após despertar a curiosidade dos alunos comecei a segunda categoria, em que coloquei nas mesas diversos livros, que tratavam ou não sobre moradias medievais, mais especificamente castelos e pedi para as crianças observarem os livros e selecionarem os que são adequados à pesquisa, como mostram as figuras 2 e 3.

Figura 2 Pesquisa



Fonte: Acervo do autor

Figura 3 Pesquisa



Fonte: Acervo do autor

Durante a pesquisa percebi que alguns livros, apenas pela capa, as crianças descartavam. Perguntei a uma aluna porque não tinha escolhido determinado livro, e ela respondeu: *“Esse livro não pode, só tem comida”* O que mostra que a mesma estava limitada ao conhecimento adquirido até então. As figuras 4 e 5 mostram as crianças falando o porquê de ter escolhido aquele livro.

Criança F: “Escolhi porque tem uma princesa, as princesas moram no castelo”

Criança G: “Tem a ponte e a torre que os cavaleiros ficam tia”

Ao relatarem seus porquês as crianças demonstraram interesse sobre o que estavam pesquisando, a todo momento falavam e faziam a leitura das imagens, refletiam se a imagem do livro era de acordo com que tinha pedido.

O diálogo, presente em situações de aprendizagem, com os educandos, permite que a curiosidade espontânea da criança característica esta, manifestada pelo comportamento de busca, de descoberta. Quando a criança começa, por exemplo, a querer entender como se conserta algo, a querer saber os “comos” e os “porquês” das coisas, mostra indícios do surgimento da curiosidade epistemológica defendida por Paulo Freire e muito presente nas relações dos homens enquanto seres incompletos e em construção. (CARDOSO, s/d p.5)

Nesse contexto, ficou evidente que o aluno através da sua busca pela aprendizagem e a execução do diálogo consegue obter resultados significativos, visto que, a “fome” do conhecimento começa assim que nascemos.

Figura 4 Escolha do livro



Fonte: Acervo do autor

Figura 5 Escolha do livro



Fonte: Acervo do autor

Categoria 3: Análise das informações

Após a escolha do livro, iniciei a terceira categoria, que foi a roda de conversa para as crianças justificarem suas escolhas. Esse momento foi muito rico, pois percebi que as crianças analisaram as informações que obtiveram, conseqüentemente adquirindo seus próprios conceitos Haydr (2006; p. 62) declara que “ o professor vê o aluno como um sujeito ativo, que expressa suas ideias, constroem conceitos e que através de sua vivencia resolve problemas, desenvolvendo seu próprio conhecimento”. As figuras 6 e 7 mostram as crianças explicando. Algumas justificativas foram:

Criança H: “Porque tem os fantasmas, e nos castelos mal-assombrados tem fantasmas”

Criança I: “Tem a Bela e a Fera!”

Criança J: “Porque tem o castelo, o cavalo, a torre...”

As crianças tiveram livre expressão e autonomia para relatarem suas escolhas, segundo Silva et al (2017; p.13) “[...] os pensamentos sobre si, sobre maneiras diversas de viver e agir, promovem autoconhecimento e conhecimento do outro, de subjetividades, de modos de interpretar e de agir no mundo”. Portanto, a escuta e promove experiencias alheias que merecem ser compartilhadas.

Ao folhear os livros, apesar de as crianças serem muito pequenas, essa atitude proporcionou aos alunos um brilhante descoberto. É relevante ressaltar que a literatura infantil é de extrema importância na formação da linguagem e do caráter da

criança, visto que, muitas histórias mostram o comportamento dos personagens, que pode refletir no desenvolvimento da personalidade da criança.

O hábito de ler possibilita que a criança desenvolva aspectos tanto cognitivos como sócios afetivos e, claramente, a linguagem verbal. Portanto, é notável a importância de se trabalhar desde cedo a leitura com as crianças, e por se tratar de crianças do Infantil-4, que compõem a faixa etária de crianças de 4 e 5 anos, que ainda não dominam a leitura, sendo importante trabalhar a contação de história como um meio de introdução à leitura. (NETA, 2014, P.90)

Assim, como, ao ouvir os relatos contados pelos adultos o avanço da oralidade é claro, pois é com este último que a criança tem o poder de expressar suas atitudes e emoção, a prática da leitura contribui para a formação da linguagem verbal.

Figura 6 Explicando a escolha do livro



Fonte: Acervo do autor

Figura 7 Explicando a escolha do livro



Fonte: Acervo do autor

Categoria 4: Análise dos registros

A partir das respostas dadas pelas crianças, fiz a comparação entre o conhecimento das crianças e trechos do livro “A vida nos castelos” para ampliar o conhecimento delas. A todo momento mostrava as imagens e fazia perguntas. Pois segundo Coelho (1991 apud NETA 2014; p. 92) “é importante auxiliar com perguntas para que assim possam estimular a imaginação e o desenvolvimento da oralidade e atenção das crianças”. Como o livro estava em preto e branco, montei um livro ilustrativo, bem colorido para que as crianças visualizassem o que foi trabalhado no texto e comparassem a vida das pessoas na idade média com os tempos atuais, como mostram as figuras 8, 9, 10 e 11.

Mostrei a primeira imagem e perguntei o que viam. Eles responderam:

“Tem o rei, a rainha, príncipes...”

Então indaguei quem morava nessa época, quem vivia nos castelos. Algumas das respostas além das previstas foram:

“As donzelas”

“Os guardas, que ficavam na porta para vigiar”

“Os cavaleiros, na frente dos castelos com cavalo” outra criança acrescentou: *“Para prender quem beijar a princesa e para matar o ladrão.”*

Figura 8 Roda de conversa



Fonte: Acervo do autor

Figura 9 Roda de conversa



Fonte: Acervo do autor

Figura 10 Roda de conversa



Fonte: Acervo do autor

Figura 11 Roda de conversa



Fonte: Acervo do autor

Com essa última fala aproveitei para apresentar o que o livro fala a respeito. Do alto da torre, os soldados podiam facilmente vigiar o campo adjacente e observar em tempo a chegada de inimigos. Em caso de assalto, os invasores teriam dificuldade em subir a elevação do aterro. Enquanto isso, os soldados do castelo podiam jogar pedras, do alto das muralhas e, assim, afastavam o ataque inimigo.

Uma outra questão foi saber como as pessoas se alimentavam. Elas relataram várias comidas como frutas, carne, tomate, porco, galinha... muitas falaram de coisas que comem diariamente pois diziam gostar muito da comida que falou. Diante das falas questionamos: Mas o que eles usavam para comer? Das respostas dadas, duas nos chamou a atenção.

Criança K: "Comiam com pau de comida chinesa"

Criança L: "Gostavam de comer com a mão".

Então perguntamos se é mais fácil comer com a mão e outra criança respondeu:

Criança M: "Não. Porque a mão fica suja e não pode, e Deus está nos vendo né tia?!"

Apresentei então imagens de como eles dormiam, onde tomavam banho, faziam as suas necessidades fisiológicas e como as crianças brincavam.

Um falaram que a sua cama era maior que as dos castelos, outra criança perguntou como davam descarga e uma outra logo respondeu: "Não davam, deixavam o cocô lá!" Todas riam e falaram "eca!"

Criança N: "Acho que as crianças brincavam de ping pong, cavalo.

Criança O: "Eu não gosto não!" se referindo as brincadeiras faladas pela colega.

Percebi nesse momento da roda de conversa, a alegria das crianças em falar e em visualizar as imagens. Segundo Neta (2014, p.88). "Percebe-se que as histórias proporcionam uma nova descoberta para as crianças, ou seja, um novo mundo criado em sua imaginação com a ajuda dos livros". A leitura de imagem atraiu a atenção das crianças, foi com a mesma que os alunos demonstraram o interesse pelo tema, a realidade e a criatividade foi trabalhada em conjunto.

O trabalho com a linguagem se constitui um dos eixos básicos na educação infantil, dada sua importância para a formação do sujeito, para a interação com as outras pessoas, na orientação das ações das crianças, na construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento. (CRUVINEL et al, 2012, p. 03)

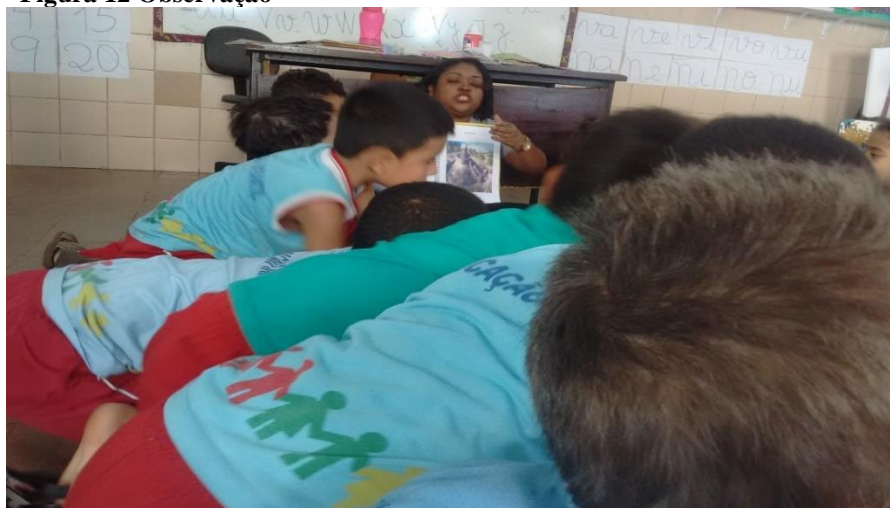
A leitura auxilia a criança a construir seu conhecimento, a comunicação é a base da aquisição do desenvolvimento. Foi com a oralidade que os alunos assimilaram e acomodaram o novo conhecimento, indagando e ao mesmo tempo

dando respostas, apesar de parecer que os pequenos não sabiam do que se tratava, demonstraram saber muita coisa.

É preciso ensinar as crianças o sentido das coisas para que a mesma aprenda como signos, pois se assim fosse não teríamos pessoas que leem e não entendem o que está diante dos olhos. Na Educação Infantil, o professor deve ser “secretário” do aluno; trazendo a tecnologia e a inovação para dentro da sala de aula, e sempre trazer a realidade para um bom desenvolvimento das atividades escolares. (CRUVINEL et al, 2012, p. 03)

Essa atividade proporcionou as crianças um momento ao universo da imaginação contribuindo para o avanço do enriquecimento da oralidade e o vocabulário. Pedi a todo momento para fazerem a rodinha novamente, pois todos queriam chegar o mais perto do livro. Conforme mostra as figuras 12.

Figura 12 Observação



Fonte: Acervo do próprio autor

Categoria 5: Registro da criança -Construção da maquete

Após a roda de conversa, iniciei a quarta categoria, onde os alunos registraram o que aprenderam sobre os castelos através da construção de uma maquete. Segundo Dias, et al, (S/D, p 2) “O uso da maquete deve ser introduzido em sala de aula começando na educação infantil. Montando um espaço que a criança compreenda melhor a realidade, colocando o grande em um espaço pequeno e assim tornando a aprendizagem mais fácil.”

Na educação infantil, as crianças precisam do concreto. Ver, tocar, sentir... e os recursos visuais permitem que a criança assimile melhor o conteúdo. Segundo Almeida e Passini (2002) “a maquete serve de base para explorar a projeção do espaço vivido para o espaço representado.” Nesse contexto o educando constrói seu

conhecimento na prática, obtendo noção do espaço, dessa maneira a maquete auxilia o professor a proporcionar uma melhor aprendizagem ao educando, permitindo assim uma assimilação mais eficaz do conteúdo.

Antes de dar início aos preparativos, combinamos passo a passo de cada fase da construção. A princípio pensei que teria confusão, que as crianças iriam insistir para mudar de grupo, mas pelo contrário, elas se empenharam bastante no que ficaram responsáveis pois se sentiram importante.

Segundo Almeida e Passini (2002) a maquete serve de base para explorar a projeção do espaço vivido para o espaço representado. Através dela o professor foge da aula expositiva, tão tradicional e que na educação infantil as crianças não demonstram tanto estímulo em aprender. Com a maquete despertamos a curiosidade, criatividade e interesse pela aprendizagem significativa.

Dividi então a turma em quatro grupos, onde cada um teve uma função específica.

O grupo 1 ficou responsável pelo desenho; Grupo 2: Colagem; Grupo 3: Pintura e grupo 4: Montagem.

Organizei os grupos, disponibilizei nas mesas os materiais, recicláveis ou não. Expliquei a cada grupo o que iam fazer e a importância para a construção final. As figuras 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 20 mostram essa etapa. Não interferi na produção falando o que eles teriam que fazer, apenas levantei questionamentos. Percebi que muitas crianças queriam desenhar, então depois de concluir a atividade no seu grupo, permiti que desenhassem.

Notei a conversação que existia, entre as crianças, faziam indagações sobre os seus desenhos, assim como a colagem, pintura e a montagem a todo momento houve diálogo entre as mesmas e os professores. As crianças foram colocadas em contato com atividades que aguçaram o uso da linguagem oral.

A linguagem oral tem uma função especial no desenvolvimento da criança, até mesmo porque é um elemento muito importante no aprendizado cultural, quando começa a desenvolver a fala, automaticamente vai facilitar também o desenvolvimento de outras áreas como: memória, atenção, percepção, imaginação, controle da vontade e da conduta, do pensamento. (CRUVINEL, 2012, p.5).

Esse momento foi bastante enriquecedor, pois ficou evidente, o desenvolvimento das crianças. Foi perceptivo seus pensamentos de experiências vividas expostas no papel e no diálogo.

Figura 13 Grupo de desenho



Fonte: Acervo do autor

Figura 14 Grupo de desenho



Fonte: Acervo do autor

Figura 15 Grupo de colagem



Fonte: Acervo do autor

Figura 16 Grupo de colagem



Fonte: Acervo do autor

Figura 17 Grupo de pintura



Fonte: Acervo do autor

Figura 18 Grupo de pintura



Fonte: Acervo do autor

Figura 19 Grupo de montagem

Fonte: Acervo do autor

Figura 20 Grupo de montagem

Fonte: Acervo do autor

Quando todos os grupos finalizaram as atividades, fizemos a roda e coloquei todo o material produzidos por eles no chão. Em uma mesa, coloquei o isopor e a caixa de papelão e chamei de um por um para montarmos a nossa moradia medieval, como mostra a figura 21.

Figura 21 Início da montagem

Fonte: Acervo do autor

Deixei livres para escolher o que queriam e onde colocariam. Alguns alunos tentavam influenciar para que colocassem no lugar desejado, o que não surtiu muito efeito.

As figuras 22, 23, 24 e 25 mostram o lugar onde as crianças colocaram os elementos do castelo.

Figura 22 colocação das torres



Fonte: Acervo do autor

Figura 23 colocação dos muros



Fonte: Acervo do autor

Figura 24 Colocação dos moradores



Fonte: Acervo do autor

Figura 25 Colocação das árvores e rio



Fonte: Acervo do autor

As figuras 26 e 27 mostram o resultado do trabalho das crianças. Percebi o interesse em todas em participar. Elas conversavam sobre o que já tínhamos visto na roda de conversa para colocar na maquete. Durante a atividade notamos que a aprendizagem é mais eficaz quando a criança é ativa durante o processo.

Figura 26 Maquete concluída



Fonte: Acervo do autor

Figura 27 Maquete concluída



Fonte: Acervo do autor

Categoria 6: Apresentação dos resultados

Para finalizar o projeto, convidamos os alunos do primeiro período para ver a exposição da maquete. Callai (2013; p. 207) diz que: “[...]as crianças se mostraram protagonistas que estão num contínuo ir e vir, transformando suas relações sociais nas interações com sujeitos, experiências, saberes e fazeres, que se alteram cotidianamente”. As crianças são sujeitos compostos por inquietações na rotina escolar, onde existe um confronto com a diversidade cultural, visto que, o falando e o ouvir faz parte do processo social. Nas palavras de Callai:

Ao incorporar as vozes das crianças (que no cotidiano escolar, muitas vezes, estão invisibilizadas) a um fazer dialógico, estamos também modificando a dinâmica das relações vividas no cotidiano escolar. De “reprodutoras”, as crianças passam a ser compreendidas como protagonistas deste cotidiano. (Callai; 2013; p. 205)

Quando o aluno começou a falar sobre a maquete, o mesmo se sentiu no centro das atenções, pois os olhares estavam direcionados para ele.

. A princípio os alunos não queriam apresentar, mas depois foram e explicaram tudo que tinha na maquete como mostra as figuras 27, 28, 29 e 30.

Figura 28 Exposição da maquete



Fonte: Acervo do autor

Figura 29 Exposição da maquete



Fonte: Acervo do autor

Figura 30 Exposição da maquete



Fonte: Acervo do autor

Figura 31 Exposição da maquete



Fonte: Acervo do autor

4.3 As Entrevistas

As entrevistas semiestruturada foram aplicadas como evento para análise de dados. As perguntas apresentadas ocorreram nas salas de aula e no pátio da escola, onde a pesquisa foi executada, com os docentes que lecionam na educação infantil. O roteiro de entrevista foi composto por sete perguntas referentes à Roda de Conversa como eixo fundamental na educação infantil. Os termos (1,2,3,4,5), foram utilizados para garantir o anonimato das entrevistadas.

Foi realizado de acordo com o objetivo da pesquisa um levantamento das questões, de modo que foram detectadas situações vivenciadas e o ponto de vista das professoras em relação os benefícios da roda de conversa para o desenvolvimento da oralidade. As entrevistas foram gravadas, transcritas e para posterior análise. A análise de conteúdo, foi feita utilizando os Núcleos de Significação propostos por Aguiar e Ozella (2013). Inicialmente foram feitas várias leituras flutuantes, para identificar o significado das falas dos entrevistados. Foram selecionados primeiramente os pré-indicadores partindo das falas mais constantes das docentes. Nas palavras de Aguiar e Ozella (2013, p.308).

Consideramos que a palavra com significado é a primeira unidade que se destaca. Partimos dela sem a intenção de fazer uma mera análise das construções narrativas, mas com a intenção de fazer uma análise do sujeito. Assim, temos que partir das palavras inseridas no contexto que lhe atribui significado, entendendo aqui como contexto desde a narrativa do sujeito até as condições histórico-sociais que o constitui. O esforço empreendido é na direção de, num processo construtivo interpretativo, partir do empírico, mas, superá-lo. Os núcleos de significação expressam o movimento de abstração que, sem dúvida, contém o empírico, mas pela sua negação, permitindo o caminho em direção ao concreto". (AGUIAR E OZELA, 2013, p. 308).

Com o agrupamento dos pré-indicadores foram designados os indicadores que, posteriormente compuseram os Núcleos. Segundo Aguiar e Ozella (2013, p.310) "Os núcleos devem expressar aspectos essenciais do sujeito. Eles devem superar tanto os pré- indicadores como os indicadores". Nesse contexto, os indicadores são de suma importância para a interpretação e compreensão dos conteúdos. Aguiar e Ozella (2013) afirmam que: "[...] os indicadores só adquirem algum significado se inseridos e articulados na totalidade dos conteúdos temáticos contidos nas expressões do sujeito", visto que, são com eles que aparecerão a essência dos assuntos expressos pelo entrevistado, para logo após colher os Núcleos de significação que têm como fundamento a conexão dos conteúdos.

4.3.1 Núcleos de significação constituído com base nas entrevistas realizadas e seus respectivos significadores.

Quadro I Os Núcleos de significação e seus respectivos Indicadores

Núcleos	Indicadores
▪ Atividades estratégicas	▪ Rotina ▪ Conteúdo
▪ O incentivo ao planejamento	▪ Orientação pedagógica
▪ A construção do ensino-aprendizagem	▪ Conhecimento prévio ▪ Desenvolvimento
▪ A relação teoria e prática no processo ensino-aprendizagem	▪ A Intervenção Pedagógica como forma de livre expressão e escuta ▪ Perguntas e respostas
▪ Organização	▪ Espaço/Tempo

Fonte: Elaborada pela autora

4.3.2 Atividades estratégicas

O primeiro núcleo a ser analisado diz respeito as **Atividades Estratégicas**. Este núcleo apresenta os indicadores: Rotina e conteúdo.

a) A Rotina

É na rotina que acontece os desafios e o desenvolvimento do trabalho pedagógico. Nas instituições de educação infantil, sua função é organizar o trabalho do docente, cabe aos mesmos planejarem atividades para que as crianças aproveitem melhor o tempo. Para Gonçalves (s/d, p.01, apud PIRES E MORENO, 2015, p.41654): [...] “rotina é a estrutura básica, da espinha dorsal das atividades do dia. A rotina diária é o desenvolvimento prático do planejamento [...].” Quando se fala da rotina é pensando em repetição, a sequência de ações e organizações do cotidiano. Como a professora 1 diz: “[...] trabalhar com educação infantil é uma forma diferenciada [...]”. É responsabilidade do professor o cumprimento da rotina, visto que será o mesmo que cumprirá as metas cotidianas visando o progresso da criança.

O cuidar e o educar, são trabalhos que permanecem nas instituições de educação infantil, onde o educador elabora uma rotina para cumprir as tarefas, devido a permanência da criança durar horas. Pires e Moreno (2015, p.41654) afirmam que “[...] A rotina deve ser organizada de maneira que seja possível dar atenção aos

cuidados pessoais e à aprendizagem”. É importante conhecer a realidade do educando, visto que, a rotina deve-se adequar a criança e não o contrário.

A organização do tempo deve prever possibilidades diversas e muitas vezes simultâneas de atividades, como atividades mais ou menos movimentadas, individuais ou em grupos, com maior ou menor grau de concentração; de repouso, alimentação e higiene; atividades referentes aos diferentes eixos de trabalho. (BRASIL, 1998, p.73)

Nesse contexto, a organização do tempo e do espaço é um aliado da rotina, por assegurar uma estrutura clara de ensino-aprendizagem. A organização do tempo e do espaço conseqüentemente facilita a criança assimilar os novos conhecimentos, que surgirão a todo momento durante a rotina. Usar o tempo como aliado é o mais correto a fazer, adequando ao ritmo da turma, proporciona uma certa segurança aos educandos e a professora. Lorini (1992, p.4 apud WEFORTI,1992, p. 4) “Hoje constato que a minha rotina não é rotineira, mas está um pouco desorganizada, porque acabo priorizando alguns aspectos e deixando de lado outros.” Se a rotina ficar desorganizada é porque o tempo não está bem distribuído, em uma rotina existe norma, que deve ser cumprida aproveitando o tempo em múltiplas maneiras.

Na entrevista as professoras demonstraram em suas falas um pouco de sua rotina.

[...] sempre todo dia tem uma roda de conversa.
Professora: 2

[...] A roda de conversa é realizada todos os dias.
Professora3

[...] A roda de conversa...é sempre início, com bom dia e cantamos uma música. Professora 3

[...] a gente trabalha como foi o dia deles, como foi o final de semana, a gente conversa, logo na recepção canta, quando chega, coloca música. Professora 1

[...] a gente realiza assim que as crianças chegam, depois... vem uma oração, depois tem a musicalização, conversa mais um pouquinho e depois começa as atividades. Professora 4

Apesar da rotina proporcionar experimento as crianças, no sentido de seqüência, nada impede do professor de investir em outra prática, entrando em

conflito com a burocracia escolar. A professora 5 relata: “ [...] *A roda de conversa é realizada muito pouco, porque aqui tem a questão do horário, tem que seguir tudo certinho se você for tentar fazer uma brincadeira com roda ai vem a cobrança de atividade de folha, de atividade de livro, ai muito pouco realiza... e fica chato todo dia o mesmo conteúdo.* [...] “A rotina deverá ser flexível, deixando de lado o discurso único e a monotonia, contando com a participação ativa das crianças.

[...] é preciso descartar a ideia autocêntrica e ao senso comum, e mudar a prática, agir reconstruindo valores onde a relação entre adultos e crianças sejam executadas e compartilhadas, tendo em vista, que regras devem ser sempre construídas e reconstruídas, mas executadas de modos diferenciados. Reescrever e criar novas formas de organizar o cotidiano infantil é um dos meios para dar a rotina um novo significado. (BRASIL, 1998, p.51)

É importante salientar que, a busca pela aceitação de acontecimentos inesperados é bastante relevante, visto que, surgirão a todo momento na educação infantil. O cotidiano poderá ser reinventado, devido a necessidade de construção de novos conhecimentos.

b) Conteúdos

Para ocorrer uma aprendizagem significativa é necessário a obtenção dos conteúdos específicos, devido a necessidade de trabalhar de forma intencional. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), dá um tratamento apropriado aos diferentes conteúdos, que possam ter um olhar diferenciado as seguintes classes:

Os conteúdos procedimentais que se refere ao saber fazer, é a possibilidade da criança em produzir mecanismos desenvolvendo meios que possibilitem a realização de suas ações. A professora 1 relata: [...] “*por exemplo, a chamadinha ali, eles mesmo colocam os nomes*”. O conteúdo procedimental, é quando a criança exerce sua autonomia, tomando suas próprias conclusões, é um processo fundamental, para a absorção da independência do sujeito.

Os conteúdos atitudinais, estão ligados a valores, atitudes e normas, já que as instituições têm a função de socializar, esse conteúdo é gerador de atitudes, sendo assim, os valores são assimilados pelas crianças por penetrarem toda parte educativa, mesmo que não sejam vistos como os conteúdos a serem trabalhados de forma consciente e proposital. Os valores, as normas e as atitudes estão presentes nas relações humanas, dentro das organizações das instituições.

A aprendizagem de conteúdo deste tipo implica uma prática coerente, onde os valores, as atitudes e as normas que se pretende trabalhar estejam presentes desde as relações entre as pessoas até a seleção dos conteúdos, passando pela própria forma de organização da instituição. A falta de coerência entre o discurso e a prática é um dos fatores que promove o fracasso do trabalho com os valores. Nesse sentido, dar o exemplo evidencia que é possível agir de acordo com valores determinados. Do contrário, os valores tornam-se vazios de sentido e aproximam-se mais de uma utopia não realizável do que de uma realidade possível. (BRASIL, 1998, P.51)

Para que a criança assimile os conteúdos atitudinais é necessário que os professores e os demais profissionais das instituições escolares, reflitam sobre os valores que são transmitidos diariamente, colocando em prática e dando bons exemplos.

Os conteúdos conceituais referem-se as ideias, imagens e representações, é um fato que lida com a realidade, o conceito que a criança tem em um certo tempo até entrar em contato com um novo conhecimento. A professora 1 afirma que: [...] “*vai adquirindo novos conhecimentos, quando trabalha, eles descobrem coisas que antes não sabiam*”. Os conteúdos conceituais referem-se a conhecimentos de conceitos que a criança vai adquirindo através do dia-a-dia nas instituições escolares. Como diz a professora 1 [...] “*vai acontecendo naturalmente, sem forçar*”.

No Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998) diz que os conteúdos são organizados por blocos, é importante salientar que essas organizações tem o propósito de contemplar as dimensões essenciais de cada eixo, diversos conteúdos, dentro de um contexto construtivo que deixe claro a intenção da atividade estabelecida. A professora 3 declara que: [...] “*A roda de conversa é realizada todos os dias, com músicas, conto de história*”. A professora 4 diz: [...] “*conversa, contação de história, leitura de pequenas palavras, a musicalização*”. Ambas professoras praticam vários conteúdos dentro de uma atividade, sendo assim, é importante que o professor saiba que quando lê uma história para seus alunos, esse mesmo professor está trabalhando vários tipos de conteúdo, como por exemplo: A leitura, a escrita, a escuta, a fala. É função do professor planejar as atividades para que possa aproveitar cada conteúdo, não limitando o trabalho a um único eixo.

[...] pergunto como está o tempo, eles olham para céu. Olhe tia o tempo hoje tá nublado. vai trabalhando nesse caso o clima, a roda pode ser embaixo de uma árvore, explicando como a árvore está, pergunta: A árvore hoje tem frutos? O que são frutos?

Professora 1

[...] Com a brincadeira o conteúdo é mais compreendido, sendo assim ajuda a desenvolver a oralidade também...

Professora 2

[...] Trabalha a parte social para eles aprender a se desenvolver, a parte da conversa mesmo um ajudar o outro que ajuda a desenvolver...

[...], é mais cobrado a parte tradicional, de atividade de folha do livro.
Professora 5

Os conteúdos são de suma importância para a aprendizagem, portanto, o professor deve selecionar e adequar os conteúdos conforme a necessidade do educando, para que os avanços da aprendizagem sejam construtivos. Os conteúdos devem ser executados de maneira integrada, onde um complementa o outro, com essa habilidade fica mais fácil da criança assimilar o que está sendo exposto de maneira prazerosa.

Quando novos conteúdos são apresentados aos alunos da educação infantil sempre requer um certo cuidado, devido a existência de uma organização didática, desde cantar uma nova música ao andamento de um projeto que visa avanços significativos no ensino-aprendizagem. O professor recebe o auxílio de várias estratégias que são organizadas em conformidade com os propósitos educativos apresentados no projeto, representa um mecanismo para a programação do docente. Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998), podem ser associados em três categorias de estruturas do tempo. São elas: Atividades permanentes, sequência de atividade e projetos de trabalho.

As atividades permanentes são aquelas, onde os conteúdos são constantes, pois atentem as necessidades básicas das crianças de cuidar e aprender.

Atividades permanentes citadas pelas professoras:

[...] No caso tem a roda de conversa né.

Professora 1

[...] a gente faz uma roda coloca uma música... faz uma oração. Professora 1

[...] a musicalização que eles gostam muito e as atividades práticas. Professor 2

[...] A roda de conversa é realizada todos os dias, com músicas, conto de história... Professora 3

[...] e com música e brincadeira fica mais fácil de adquirir o conhecimento... Professora 3

As atividades sequenciadas são elaboradas com o intuito de estabelecer desafios, para que a criança possa assimilar a aprendizagem aos poucos, a partir de diferentes situações. Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, Brasil (1998), os projetos são conjuntos de atividades que trabalham com conhecimentos característico edificado a partir de um dos eixos de trabalho que se constitui em torno de um problema para resolver ou um produto final que se quer alcançar. Sua duração pode variar devido o objetivo estabelecido.

Portanto, os avanços da aprendizagem são adquiridos por várias e constantes reorganizações dos conhecimentos, e é nesta evolução que as crianças são protagonistas, quando vivenciam experiências viabilizadas pelos conteúdos exibidos e relacionados as práticas sociais reais.

4.3.3 O incentivo ao planejamento

O segundo núcleo a ser analisado é o incentivo ao planejamento diz respeito ao indicador: Orientação Pedagógica.

C) Orientação Pedagógica

O planejamento é um facilitador da prática pedagógica, sendo ele o delimitador dos trabalhos pedagógicos, contudo, ele tem o intuito de direcionar o sujeito na busca de sua autonomia. Segundo Vasconcellos (2006) planejar é uma atividade que faz parte do ser humano, muito mais inclusive, do que imaginamos à primeira vista. Desde os primórdios o planejamento já era usado, naturalmente pelo homem.

Quem age por condicionamento, não carece de planejamento, pois alguém já planejou por ele; seres alienados “não precisam” planejar! Muito sinteticamente, podemos dizer que o indivíduo está nas condições de sujeito de transformação quanto a uma prática, quando em relação a ela há um querer (está resolvido a fazer alguma coisa) e um poder (capacidade de realizar algo) (VASCONSELLOS 2006, P.39).

É fácil falar, o difícil é executar, o discurso somente, não resolverá os problemas que surgirão. O planejamento nem sempre é colocado em prática, devido a certas dificuldades que aparecerão, contudo, os pensamentos alienantes, os conflitos de ideias, políticas, econômicas e o processo educativo poderão não deixar que a ação aconteça, segundo Vasconcelos (2006) “O professor precisa interromper o cruel processo de imbecilização, de destruição a que vem sendo submetido”. Ou seja, ao planejar o professor sai do estado de alienação, o planejamento é capaz de resgatar a dignidade do professor. É fundamental que o docente planeje seu trabalho, mas é importante deixar um espaço livre para a possibilidade de mudanças, sempre que houver necessidade.

Quanto a maneira de documentar o planejamento em atividades, cada educador tem a sua forma de ser: portanto, o que importa não é a pré-escola ter forma padrão de planejar, mas cada educador ter no seu planejamento, um instrumento útil de trabalho para beneficiar o desenvolvimento infantil. (NICOLAU, 2003, p.152)

Na entrevista realizada fica evidente que algumas professoras não planejam suas atividades, pois a todo momento as mesmas esclarecem que a orientadora elabora os conteúdos desenvolvidos na sala de aula. Deixam transparecer uma certa alienação. Ao planejar o educador toma decisões para que os objetivos sejam alcançados. É de suma importância estabelecer ações em que a criança vivencie situações diversificadas aguçando o processo de desenvolvimento.

Falas das docentes:

[...] quando trabalho um assunto que a coordenação passa o conteúdo... Professora 1

[...] A pessoa quando chega recebe muita orientação da coordenação, principalmente quando chega logo e não sabe como trabalhar, como trabalhar com educação infantil porque trabalhar com educação infantil é uma forma diferenciada... Professora 2

[...] A coordenadora pedagógica dá orientação explica todas as atividades... Professora 3

[...] A coordenadora nos dá orientação, para estimular a linguagem, incentivando a fazer roda de conversa. Professora 4

A função do coordenador pedagógico juntamente com o apoio da equipe gestora em uma instituição de ensino é de colocar em prática tudo aquilo, que está presente no Projeto Político-Pedagógico, ou pelo menos uma boa parte. Compete o coordenador pedagógico discutir com os professores sobre suas ações aplicadas, envolvendo a teoria e a prática auxiliando o processo pedagógico, é esse profissional que colabora, através de reuniões e planejamentos para o funcionamento da escola. Como mostra a professora 3 em seu relato:

[...] recebemos orientação, aqui nós temos uma coordenadora que de 15 em 15 ela faz uma reunião onde ela quer que passe para ela tudo que nós absorvamos na sala de aula, aí ela dá opinião como coordenadora pedagógica. A gente entra em um consenso como trabalhar na próxima semana para desenvolver melhor ainda a estimulação da linguagem com eles. Professora 3

Ouvi o professor é primordial para identificar os problemas que com certeza surgirão, assim como os progressos dos educandos como também os retrocessos. O professor precisa da orientação pedagógica para conceder certas tomadas de decisões, a aprendizagem de um aluno não depende somente do professor, e sim de um conjunto de profissionais que se dedicam para favorecer a construção do conhecimento, pois quando há harmonia a obtenção do sucesso é certa.

4.3.4 A construção do ensino-aprendizagem

O terceiro núcleo a ser analisado diz respeito a construção de ensino-aprendizagem com seus respectivos indicadores: Conhecimento prévio e desenvolvimento.

d) Conhecimento Prévio

O conhecimento prévio é fundamental, pois auxilia o aluno a construir seu próprio conhecimento, através das experiências trazidas de casa. A professora 3 diz: [...] *“a construção de tudo que vai ter na sala de aula, tanto o que eles trazem de casa pra sala como eles levam da sala pra casa”*. O diálogo colabora para a construção de conhecimento, transformando-se em um sujeito crítico, ativo e conseqüentemente autônomo, o aluno constrói seu conhecimento analisando, criticando, ou seja, dando sua própria opinião sobre o objeto observado.

A interação dialogada entre professor-aluno é fundamental, nessa socialização o professor fala, da mesma forma concede a vez ao educando de se expressar, permitindo-o desenvolver seu cognitivo de maneira ativa.

Nesse contato interpessoal instaura-se um processo de intercambio, no qual o diálogo é fundamental. De um lado está o professor com seu saber organizado, seu conhecimento cientificamente estruturado, sua forma de se expressar na norma culta da língua, com os ideais e valores formais aceitos e proclamados oficialmente pela sociedade e com seu grau de expectativa em relação ao desempenho do aluno. Do outro lado está o aluno com seu saber não sistematizado, difuso e sincrético, seu conhecimento empírico, com o modo de falar próprio de seu ambiente cultural, com os ideais e valores de seu grupo social e com um certo nível de aspiração em relação à escola e à vida". (HAYDR, 2006, p.59)

A família é peça fundamental para a construção do currículo, já que, a instituição deve dialogar com a mesma, sobre as vivências dos educandos, para conhece-lo melhor. A conversação é iniciado através de uma questão problema para promover a interação, no qual o professor transmite o que sabe, beneficiando os conhecimentos às experiências dos educandos, estimulando, provocando, chegando em uma explicação ou resolução, quanto mais o professor fala o aluno desenvolve seu conhecimento, contudo a fala do educando fará com que o mesmo acomode e assimile a aprendizagem de maneira eficaz.

A professora 3 diz:

[...] conversa o que fez a noite quando saiu da escola o que eles querem fazer, eles opinam para depois fazer a construção, para que eu veja se o que estou querendo, eu estou atingindo.

[...] tento assimilar com o que eles têm em casa, o que eles podem trazer para a sala de aula, quando eles trazem a bagagem e distribui no contexto que está trabalhando naquela semana se é construtivo ou desconstrutivo.

É conversando que se aprende, é com o dialogo que acontece a construção do saber, em forma coletiva e cooperativa, contribuindo para o surgimento do conteúdo. A criança começa a criar conceito através de sua história de vida, o que ver e escuta em seu dia-a-dia. As trocas de conhecimentos individuais e a construção em conjunto de saberes sobre si e o mundo enriquece o desenvolvimento. Segue os relatos das professoras:

[...] todos os desenhos que eles veem, eles assimilam, tia eu vi isso em casa, isso começa com a letrinha A Eu vi o avião... passou, ele começa com a letrinha A, então a imagem esboça o que eu quero com eles.

[...] eu tento escutá-los o que eles podem trazer para a sala de aula para a gente fazer aquela construção em cima da aprendizagem que futuramente eles vão esboçar para a sociedade.

A roda de conversa é um momento em que as crianças são autoras e protagonistas na conversação com outras crianças e com os adultos. A partir de uma pergunta, sobre uma possível curiosidade, a criança demonstra que possui conhecimento sobre respectivo assunto, nesse momento pode ocorrer várias opiniões diferenciadas, criando hipóteses, estimulando a construção do conhecimento.

[...] pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária -, mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos." (FREIRE, 1987a, p.31 apud CARDOSO S/D p.4)

A criança traz para a sala de aula, desejos sentimentos, emoções, sonhos, medos, sendo assim, existe uma necessidade por parte da mesma em ser entendido e respeitado pela a escola. Como diz a professor 2: “[...] a *criança gosta fala de sua vida*”. *Os educadores têm a obrigação de observar o que está acontecendo, suas expressões e suas falas revelam situações inusitadas.* O respeito a diferença é fundamental, a discriminação leva a pessoa a não escuta, se não existe escuta, não há diálogo, sendo assim, não acontecerá a troca de conhecimentos, que aparecerão trazidos da vivência do educando e do educador.

e) Desenvolvimento

O desenvolvimento acontece a todo momento. Segundo a professora 3 [...] *“os benefícios são vários, o desenvolvimento de comunicação, a fala, a da expressão, isso é indispensável, porque o benefício é a construção de tudo que vai ter na sala de aula”.* As crianças são ativas, recebem a todo momento informações, conseqüentemente o desenvolvimento é constante.

O progresso da criança se constrói através do contato do seu próprio corpo, como tudo que existe em sua volta, socializando com outras crianças e adultos, desenvolvem a habilidade afetiva, o amor próprio, o cognitivo, a linguagem, as articulações motoras acontecem ao mesmo tempo. A professora 2 relata que: [...] *“e/les descobrem coisa que antes não sabiam, desenvolvem a linguagem e a escrita”.* Os

professores desenvolvem também a oralidade. O educando constrói seu conhecimento com pensamentos e ações, ou seja, falando e ouvindo, devido ao saber ser concretizado através da comunicação. Dessa forma ele será o sujeito do processo de aprendizagem, a curiosidade estimula o ensino-aprendizagem, sendo assim, o conteúdo deverá ser abordado de forma dinâmica.

A professora 3:

[...] porque cada letra que ensino tem uma música, quando eu digo hoje vamos estudar de novo a letrinha A, então antes que eu termine de falar que vamos trabalhar a letrinha A, eles já estão cantando aquela música, então eles já tiveram um desenvolvimento até a própria fala vai desenvolver melhor a letrinha onde tem dificuldade ele fala melhor.

Na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), a criança possui direito de aprendizagem e desenvolvimento desde da Educação Infantil: A conviver em sociedade utilizando linguagens diversificadas; suas brincadeiras devem ser valorizadas estimulando o desenvolvimento ao conhecimento; participar do planejamento da gestão da escola, assim como das atividades estabelecidas; auxiliando nas escolhas das brincadeiras, expressando seu posicionamento, como sujeito ativo construindo sua identidade.

Relatos das professoras:

[...] eles opinam para depois fazer a construção. Professora 3

[...] Um dos benefícios é a interação. Professora 1

[...] Acredito que quando a oralidade é desenvolvida na educação infantil a criança será um adulto com mais atitude, ele será expressivo. Professora 3

[...] Um dos benefícios é a desenvoltura na sala de aula, elas ficam mais soltas conseguem interagir mais. Professora 4

[...] Na parte da oralidade trabalha o social cada um ia da sua opinião, com isso a criança desenvolve seu lado da expressão. Professora 4

De acordo com Vygotsky a interação do sujeito com o mundo é medida pelos símbolos, onde a oralidade está no centro, devido a sua importância, pois ela promove

a interação do indivíduo, é quando o sujeito detém seus pensamentos. Relato da professora 3: [...] *A criança vai se tornar um adulto com confiança quando começar a trabalhar, chegar no lugar e saber o que vai conversar e se expressar bem, vai se tornar um adulto expressivo. Sendo assim, a linguagem facilita a conexão com o mundo real.*

O brincar é uma grande aliada ao desenvolvimento da criança, por fazer parte do cotidiano, a comunicação acontece a todo momento, favorecendo a aprendizagem, é possível observar durante as brincadeiras os conflitos, as relações de afeto, as emoções e decepções. A professora 1 diz: [...] *com a brincadeira o conteúdo é mais compreendido, sendo assim ajuda a desenvolver a oralidade também.* Então, fica clara a apropriação do conhecimento por meio da interação com seus respectivos pares e adultos, é necessário salientar que para o educando obter a tão esperada compreensão do saber, a família é peça fundamental, pois é nela que acontece a primeira interação.

A aquisição de novos conhecimentos acarreta por parte do professor, organizar, planejar, mediar, refletir e monitorar, ordenar, sequenciar o conjunto das ações e interações. A criança da educação infantil necessita obter orientação por parte do educador, para desenhar, pintar resolver problemas, alimentar-se, higienizar-se, escutar histórias, foliar livros. Os alunos adquirem conhecimento através da transmissão verbal do professor, hoje existe atividades que são realizadas com demonstrações, com suas ideias, crenças, conhecimentos prévios dos alunos e muitas dessas pesquisas mostra que os educandos têm ideias muito mais articuladas do que pensa.

A intencionalidade do processo educativo pressupõe o monitoramento das práticas pedagógicas e o acompanhamento da aprendizagem e do desenvolvimento das crianças. O monitoramento das práticas pedagógicas fundamenta-se na observação sistemática, pelo educador, dos efeitos e resultados de suas ações para as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, a fim de aperfeiçoar ou corrigir suas práticas, quando for o caso. (BRASIL, 2017, p.35)

A aprendizagem do educando é vigiada, devido a intencionalidade do educador, o mesmo monitora a evolução de seu aluno, a aquisição de novos conhecimentos do educando é um troféu para o professor.

4.3.5 A relação teoria e prática no processo ensino aprendizagem

O quarto núcleo a ser analisado diz respeito a relação teoria e prática no processo ensino-aprendizagem com seus respectivos indicadores: A intervenção pedagógica como forma de livre expressão e escuta e Perguntas e respostas.

e) A intervenção pedagógica como forma de livre expressão e escuta

Na educação tradicional o saber era conduzido pelo educador, através de textos, quando o professor era dedicado realizava uma possível amostra de experimento aos educandos. Os conhecimentos dependiam totalmente dos professores em transmitir o conteúdo com nitidez. Mas esse ponto de vista de ensino vem sendo abolido, à medida que começou a perceber uma atuação mais viva por parte do aluno, passou a vê-lo como gestor do seu próprio saber. Para compreender, alcançar novos saberes é necessário conceder oportunidades aos alunos em que os mesmos possam raciocinar.

É necessário oferecer aos alunos situações em que eles possam se intelectualmente ativos, que lhes permitam refletir, descobrir, perguntar, discordar, elaborar resposta possíveis etc. Essa situação nos leva não só analisar o conteúdo que são mais importantes e apropriados como objeto de ensino, mas também a compreender que o modo como esses conteúdos são apresentados em classes influi na aprendizagem. (ESPINOZA; 2010; p.10)

A intervenção pedagógica favorece a construção da autonomia da criança, já que a conversa entre aluno e educador é inevitável no processo construtivo de ensino-aprendizagem. Relato da professora 2 “[...] *todos querem falar, todos querem atenção da mesma forma do professor e dos coleguinhas também*”. Para a criança se sentir sujeito ativo é preciso usufruir de uma livre expressão e escuta.

A partir de um relato, de uma narrativa, muitos assuntos são engatilhados, iniciando processos de exposição e debate por meio dos quais cada criança emite sua opinião e/ou confronta suas vivências por meio de associações que faz espontaneamente, ou provocadas por questões de outras crianças ou do adulto-educador [...] (SILVA, et al, 2017, p.107)

Para a criança se desenvolver é preciso que ela discuta, formule hipóteses, opine sobre a realidade vivida, jamais emudeça, quando o sujeito não fala aceita o que proposto sem perceber. A professora 3 diz que: “[...] *eles opinam para depois fazer a construção*”. O aluno usa a voz para demonstrar seus desejos, sentimentos e emoções, é interesse do educador escuta-lo, conforme suas necessidades, as experiências são trocadas constantemente através do diálogo. Nicolau (2003; p.35) afirma que: “A expressão possibilitaria ao educando externar aquilo que aprendeu,

através da língua gráfica ou outra qualquer, integrando, assim os diversos conhecimentos adquiridos.” A livre expressão do aluno contribui para a obtenção de avanços sobre a língua falada.

Relatos das professoras:

[...]como foi o final de semana, a gente conversa, logo na recepção canta. Professora 1

[...] Uma das estratégias é a roda de conversa, nela a gente conversa. Professora 2

[...] É através de muita conversa, não trabalho só com escrita, eu tento escuta-los o que eles podem trazer pra a sala de aula. Professora 3

[...] é feita a roda de conversa para perguntar a opinião de cada um. Professora 5

A roda de conversa é um lugar privilegiado para acontecer o desenvolvimento de intervenção, livre expressão e escuta, juntamente com a oralidade, é nela que o docente com os educandos interagem, de forma democrática, onde todos estão sentados de maneira que um possa ver o outro igualmente, opinando, refletindo, escutando e intervindo, visto que, o professor é a todo momento o mediador. A resposta da criança é desenvolvida conforme a intervenção do professor, ela consegue formular seus pensamentos e dar respostas diversificadas.

Uma característica que estou denominando de Roda é a de reunir indivíduos com história de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e sentir, de modo que os diálogos, nascidos de encontro, não obedecem a mesma lógica. São as vezes atravessados pelo mesmo significado que um tema desperta em cada participante. Este momento significa está ainda na periferia de uma espiral onde as diferenças individuais e as subjetivas excedem as aproximações. (WARSCHAUER; 2002; P.46)

A mudança acontece devido à conversação, portanto é necessário que a instituição escolar tenha um olhar diferenciado para a criança da educação infantil. A criança contribui com a evolução do saber naturalmente, porque quando o educando fala, o professor terá que ficar atento, pois o diálogo pode ocasionar o aparecimento de uma situação problema, assim sendo, o orientador deve ser democrático sem

rigidez, deixando o aluno se expressar, o autoritarismo não deve existir na sala de aula, porque fica impossível de acontecer a tal sonhada mudança.

f) Perguntas e respostas

É através das perguntas que a criança vai gerar curiosidade para aprender sobre tudo que deseja alcançar. É com as perguntas que a criança deixa de ser passiva para ser ativa. O professor é o provocador dessa inquietação, a curiosidade da criança deve ser atizada a todo momento.

Relato da professora 2

[...] porque tudo começa com uma pergunta, a gente vai perguntando e eles respondendo, é aí onde todos se interessam pra responder, aí tem a interação deles, porque quando um começa a responder todos querem falar.

O professor deve conhecer o aluno para definir a escolha do conteúdo, pois quem define o que aprende é a criança. Quanto mais faz perguntas a criança, ela dará resposta diferente, devido a sua curiosidade não ter fim, dessa forma os conteúdos devem ser trabalhados de forma integrada evitando fragmentar a vivência da criança. A professora 3 declara: [...] “*A roda de conversa é iniciada com uma pergunta sobre o que quer aprender naquele dia*”. Quanto mais a criança se comunica, ela poderá absorver conhecimento para enfrentar o mundo, sendo assim, o educador deverá indagar e seus educandos, deixando-os expor suas ideias, uma vez que, toda criança deve demonstrar seus pensamentos.

Na pedagogia tradicional, pensava-se que o educando ao chegar na instituição era considerado como um copo vazio, ou seja, um ser humano sem conhecimentos, que nada sabia, porém hoje apesar de aparentar que o aluno nada sabe, ao indaga-lo pode surgir umas determinadas respostas que causará admiração ao professor, devido a isso o aluno juntamente com o educador aprendem durante as perguntas e respostas.

Para haver um processo de intercambio que propicie a construção coletiva do conhecimento, é preciso que a relação professor-aluno tenha como base o diálogo. É por meio do diálogo que professor e alunos juntos constroem o conhecimento, chegando a uma síntese do saber de cada um. (HAYDR, 2006, p. 59)

É na indagação que se percebe que o aluno tem bastante informações, muitas delas proveniente do seu dia-a-dia, principalmente o que vê na tv, e na internet, a tecnologia influencia na aquisição do conhecimento. Para o educador identificar o

que o aluno sabe, ou não sabe, é preciso um olhar atento de pesquisador, as informações sobre os educandos são relevantes para o aperfeiçoamento das aulas, projetar hipóteses e produzir boas condições de trabalho.

Relatos das professoras:

[...] No caso tem a roda de conversa né...., a gente trabalha como foi o dia deles, como foi o final de semana.

Professora 1

[...] Pergunto: como está o tempo?

Professora 2

[...] A árvore hoje tem frutos?

Professora 1

[...] conversa o que fez a noite quando saiu da escola o que eles querem fazer.

Professora 3

[...]. Qual é a letrinha que vocês querem aprender hoje?

Professora 3

[...] A roda de conversa é iniciada perguntando o que aconteceu quando chegam com os pais.

Professora 4

[...] A roda de conversa é iniciada através de pergunta.

Professora 5

Foi constatado nos relatos das professoras que é na roda de conversa que as perguntas e as respostas são iniciadas, é com essa prática que o educando interage de forma segura, democrática e sem preconceito, é na roda que o aluno se sente seguro para realizar suas indagações e obter respostas, que muitas vezes são respondidas pelos próprios educandos.

A criança está sempre em constante desenvolvimento, logo, dará respostas conforme sua idade, arrumando seus pensamentos na medida de seu amadurecimento. A comunicação em situações de ensino-aprendizagem proporciona que a curiosidade do aluno, é exposta pela pesquisa e revelações, quando a criança inicia dizer os “comos” e os “porquês”, demonstra que está buscando o conhecimento, visto que, o homem está sempre aprendendo, mesmo na fase adulta, a construção do saber é infinita.

4.3.6 Organização

O quinto e último núcleo a ser analisado diz respeito a organização com seu respectivo indicador: Espaço/tempo.

f) Espaço/Tempo

O tempo e o espaço devem ser organizados de acordo com a rotina. O tempo de trabalho pedagógico será planejado conforme a rotina diária do educando para que as tarefas sejam cumpridas, o planejamento deve comportar os cuidados, o ensino-aprendizagem e o brincar.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL,2017) as crianças encontram-se introduzidas em espaços e tempos diversificados, onde o mundo é formado de fenômenos naturais e culturais. Então a criança busca se estabelecer em múltiplos lugares e tempos, como a criança está em constante aprendizagem, demonstra curiosidade sobre tudo que está a seu redor: A natureza, o céu, seu próprio corpo, grau de parentesco. A criança se encontra no processo de aprender várias coisas ao mesmo tempo aguçando cada vez mais a curiosidade. Por se tratar da educação infantil, é necessário desenvolver a socialização dos educandos através de brincadeiras que promovam a observação, manipulação, investigar, levantar suspeitas, consultando o professor, pois o mesmo será sua fonte de informações para suas perguntas. Dessa forma a instituição estará proporcionando ao educando uma aprendizagem significativa para que ele possa aproveitar melhor o dia-a-dia.

É através do trabalho pedagógico que a criança participa da convivência social e dos objetos, assim, a organização do meio em que a mesma está introduzida é primordial, o educando deve estar em um ambiente em que ele se sinta bem, capaz de lidar com seus sentimentos e insegurança, em um lugar acolhedor repleto de dedicação que colabore para a construção da identidade.

Relato das professoras

[...] então a sala tem que ser um ambiente em que eles se sintam à vontade, que se sintam acolhedor que eles se sintam bem, porque é impossível trabalhar qualquer tipo de conteúdo ou qualquer tipo de situação com eles se os mesmos não se sentem como estivessem em casa, então eles tem que sentir bem no lugar onde estão.
Professora 1

[...]porque aqui tem a questão do horário, tem que seguir tudo certinho.

Professora 5

[...] pode ser trabalhada várias coisas não só dentro da sala, pode ser no meio do lanche como um piquenique, colocando-os para sentar... brincar. Professora 1

[...]Para a realização da roda de conversa o ambiente não pode ser tão aberto, porque qualquer coisa chama a atenção da criança, mas também não tão fechado, para eles não ter tédio, porque ninguém gosta de ficar preso, o lugar tem que ter cores.
Professora 2

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010, p.18) declara que a proposta pedagógica “deve ter como objetivo garantir à criança o acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens [...].” Entende-se, que o professor necessita estar em constante meditação, a prudência é inevitável diante de seu trabalho. A realidade das crianças precisa ser conhecida, sendo assim, a organização do tempo e do espaço é primordial para desenvolver o trabalho pedagógico de forma relevante. A professora 4 diz que: [...] *o ambiente tem que ser respeitado um ambiente acolhedor com recursos adequados*. O educador terá um olhar atento para perceber o brincar, como as brincadeiras se constituem, em que ambiente preferem ficar o que mais lhe atraem, ou seja é preciso conhecer a criança para a organização do espaço-tempo.

A professora 3 diz:

[...] O espaço tem que ser aconchegante. Gosto de espaço que tenha música pintura sala decorada porque chama a atenção, quando trabalha um conteúdo com a letrinha A, tem que ter um cantinho só de desenhos com a letrinha estudada, porque ali vai instigá-los.

Dependendo da faixa etária da criança, o método de organizar o trabalho será diferente, pois cada aluno tem sua individualidade, é preciso estruturar no tempo certo, separando por idade. As atividades programadas devem oportunizar uma atuação dinâmica do aluno para assegurar a construção do tempo e do espaço, é dessa forma que a criança aprende a lidar com a situação social.

[...] o espaço físico e social é fundamental para o desenvolvimento das crianças, na medida em que ajuda a estruturar as funções motoras, sensoriais e simbólicas, lúdicas e relacionais inicialmente as crianças tem suas percepções centradas no corpo, sua percepção começa a descentrar-se e estabelecer as fronteiras do seu eu. (CRAIDY e KAERCHER; 2001; p.73).

É importante salientar que o espaço é diversificado, ele é composto por som, palavras, regras de uso, luzes, cores odores, mobílias. Nesse sentido é

necessário conduzir a criança a educação no sentido de observa, categorizar, sugerir possibilidades de relações com vários elementos. Isto posto, o ambiente educativo deve ser diferenciado, o mundo é repleto transformações e de apreensões, é fundamental a aquisição dessa aprendizagem. Para que os pequenos compartilhem do espaço social é indispensável a criação de novo significado nas relações adulto-criança, que o adulto vivencie várias formas de ver, entender e conviver com a criança.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa foi qualitativa, pois busquei investigar as pessoas pelos seus discursos, observei, entrevistei e realizei uma intervenção pedagógica, baseada na pesquisa-ação.

Durante a investigação percebi que não tem como identificar os tipos de roda de conversa, pois todas são realizadas de maneiras diferentes, mesmo se forem executadas através do mesmo assunto.

O educando era visto como um ser humano que tinha seu saber limitado, mas percebi que a criança de 4 e 5 anos ao ser estingada tem muito a dizer e fazer. Pelo que vi e ouvi e senti, entendi que as crianças trazem respostas prontas, através das afirmações e perguntas conseguem realizar pesquisa como “gente grande”, devido a comunicação entre seus pares e professores contribuírem para que a aprendizagem aconteça. Durante a observação verifiquei o quanto é importante desenvolver a oralidade com crianças de 4 e 5 anos, pois quando o docente fala e escuta está ensinando o discente a ouvir e a dialogar. Infelizmente alguns educadores não dão o devido valor a prática da roda de conversa, contribuindo para do retrocesso da aprendizagem.

O professor deve intervir de maneira natural, de forma que o educando não se sinta investigado, o diálogo entre o aluno e seu educador é realizado de forma democrática, a fala da criança deve ser considerada, pois seu uso depende da vivência de cada pessoa. Durante o projeto de intervenção os alunos conseguiram formular perguntas e respostas diversificadas.

É com a roda de conversa que o desenvolvimento da oralidade acontece, o educando adquire conhecimento quando o educador dispõe, abrir espaço para conversar. É através da roda de conversa que o aluno concede oportunidade para dialogar, pois o professor é o maestro da orquestra, ou seja, o mediador da discussão, é dever da escola promover a prática da oralidade na educação infantil.

Desde cedo a criança deve ter acesso aos livros, visto que, é com o mesmo que acontece a primeira leitura, a “leitura de imagem”, indagando e observando. Isso acontece através da contação de história que a professora proporciona ao educando, contribuindo para o desenvolvimento oral, beneficiando a curiosidade e enriquecendo o vocabulário. O desenvolvimento do educando é estimulado e instigado pelo docente, pois o mesmo é o facilitador no processo da aprendizagem.

A eficácia da aquisição da linguagem, depende da evolução de todas as estruturas cerebrais e da interação da criança a partir do nascimento. A criança que se comunica alcançará uma capacidade de autonomia, será um adulto mais expressivo, construtor de seu próprio conhecimento, pois se ele aprende a falar com independência e democracia na infância, quando crescer será um adulto que correrá atrás de seus direitos, pois a oralidade é capaz de abrir portas.

A roda de conversa pode ser utilizada em associação com outras práticas pedagógicas para o desenvolvimento da oralidade infantil, como por exemplo a música, que foi muito citada nas entrevistas com as professoras.

Diante dos fatos abordados, é através da execução da roda que o educando interage, desenvolve o pensamento, a comunicação, reflexões, observações, hipóteses e a obtenção de resultados construindo uma aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de. PASSINI, Elza Yasuko. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 12 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

BIZZO, Nélio. **Ciências: fácil ou difícil?** São Paulo: Ática, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto; **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**; Brasília; Secretaria de Educação Fundamental. v.1; 1998.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto; **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**; Brasília; Secretaria de Educação Fundamental. v.2; 2002

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2010

BRASIL. Ministério da **Educação Base Nacional Comum Curricular**; Brasília; Secretaria de educação básica; 2017.

CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis; **Educação Infantil: Pra que te quero?** São Paulo; Editora Artmed;2001.

ESPINOZA, Ana; **Ciências na Escola: Novas perspectivas para a formação dos alunos**; São Paulo; Editora Ática; 2010.

FREIRE, Paulo; **Pedagogia da Autonomia**; São Paulo; Paz e Terra; 1996.

HAYDR, Regina; 3º capítulo, subtítulo 2; **Curso de Didática Geral**; São Paulo; Ática; 2006.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, MARLI E. D. A.; **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**; São Paulo; E.P.U.; 2012.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria; **Fundamentos de Metodologia Científica**; 5º edição; São Paulo; Atlas S.A; 2003

NICOLAU, Lúcia Machado. **A Educação Pré-escolar; Fundamentos e Didática**. São Paulo; Ática, 2003

WARSCHAUER, Cecília; **A roda e o registro**: Uma parceria entre professor, aluno e conhecimento; 4º edição; São Paulo; Editora Paz e terra; 2002.

WEFFORT, Madalena Freire; **Rotina**: Construção do tempo na relação pedagógica. Espaço pedagógico; São Paulo, 1992.

VASCONSELLOS, Carlos; **Projeto de Ensino e Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico**, 16º edição. São Paulo; Editora Liberdade; 2006

DIGITAIS

AGUIAR, Maria Junqueira; OZELLA, Sergio; **Apreensão dos sentidos**: Aprimorando a proposta dos núcleos de significação; 299R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013; Disponível em: <file:///C:/Users/Geraldir/Pictures/Núcleos%20e%20Indicadores.pdf> Acesso em: 25 de agosto de 2018; às 00:57

BOMBASSARO, Maria Cláudia; **A Roda na Escola Infantil – Aprendendo a Roda, aprendendo a Conversar**. S/D Disponível em: http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/14992.pdf. Acesso em: 06 abris; 2018, às 9:32

CALLAI; Cristiana; **Pesquisa com Crianças no Cotidiano Escolar na Educação Infantil**; v 15; n2; 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/Geraldir/Downloads/pesquisa%20com%20criancas%20no%20cotidiano%20escolar%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Geraldir/Downloads/pesquisa%20com%20criancas%20no%20cotidiano%20escolar%20(1).pdf) Acesso em: 18 de setembro de 2018, 00:55: 10

CARDOSO, Viviane; **O Diálogo sobre as Crianças Pequenas – Reflexão Sobre o cotidiano Infantil**. S/D Disponível em: <https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/cardoso.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2018, às 14:40

CRUVINEL, Fabiana Rodrigues; Linguagem e seus Desenvolvimentos; **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**; n. 20; 2012. Disponível em:

<file:///c:/users/geraldir/pictures/artigo%20para%20tcc.pdf> 13 de setembro de 2018; às 14:56

DIAS, A. C.; et al. **Percepção sobre a importância de maquetes na educação interativa.** S/D Disponível em http://www.fap.com.br/forum_2012/forum/pdf/Humanas/Poster/ResHumP02.pdf
Acesso em 27 de agosto de 2017 às 20:18h.

LEITE, Marcia Soares de Arruda; **Currículo na educação infantil: um olhar reflexivo para ré(pensar) o desenvolvimento da oralidade em crianças de quatro e cinco anos de idade.** Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - Programa **de Pós-graduação em Linguística e Ensino** - Mestrado Profissionalizante em linguística e ensino - João Pessoa - PB 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Geraldir/Pictures/texto%20oralidade%20tcc.pdf>. Acesso em: 07 jul.2018 às 14:00

LEPRE, Rita Melissa; OLIVEIRA, Bianca; A Hora da Roda como Atividade Facilitadora do Desenvolvimento do Juízo Moral de Criança da Educação Infantil; **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 5, n. 8, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/viewFile/1187/640>. Acesso em: 10 abril; 2018, às 11:03

MELO, Marcia Cristina Henares; CRUZ, Gilmar de Carvalho; **Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no ensino médio.** v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2017/02/roda-conversa.html>. Acesso em: 11 abril, 2018

MORGADO, Maria de Lourdes; **Educação Infantil: o desenvolvimento da linguagem oral em crianças de 1 a 3 anos e o trabalho do professor;** UNISALESIANO Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium Curso de Pedagogia. Lins – SP 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/Geraldir/Downloads/oralidade%20monografia%20salesiano%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Geraldir/Downloads/oralidade%20monografia%20salesiano%20(1).pdf). Acesso em: 05 jul. 2018. às 22:30

NETA, Francisca Aurélia Mesquita: A Contação de História no Desenvolvimento da Linguagem Oral; **Extensão em Ação**, Fortaleza, V.1, n. 6, p. 87 – 95, Jan/Jul. 2014 Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/13331/1/2014_art_farmneta.pdf. Acesso em: 29 abril; 2018, às 16:00

PENITENTE, Luciana Aparecida de Araujo; Professores e pesquisa: da formação ao trabalho docente, uma tessitura possível; **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente**; V.04; N.07; 2012. Disponível em <file:///C:/Users/Geraldir/Downloads/61-Texto%20do%20artigo-178-1-10-20180621.pdf> Acesso em: 22 de maio de 2018 às 00:03

PIRES, Ariane Regina Scaranti; MORENO, Gilmar Lupion; **A rotina e escola infantil**: Organizando o cotidiano de crianças de 0 a 5 anos. Formação de Professores, Complexidade e Trabalho Docente; 2015. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/15902_9267.pdf Acesso em: 26 de agosto de 2018 às 00:35

SCHNEUWL, Bernard et al: **O “oral” se ensina!** Universidade de Genebra out-97. Disponível em: [file:///C:/Users/Geraldir/Pictures/Oralidade%20vila%2001_o_oral_se_ensina%2022.03.2013%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Geraldir/Pictures/Oralidade%20vila%2001_o_oral_se_ensina%2022.03.2013%20(1).pdf). Acesso em: 03 jul. 2018 às 00:30

SILVA, Regina Broco Lima et al: A roda de conversa na Educação Infantil :Instrumento: de Silenciamento ou amplificação da voz da criança? **Revista Eletrônica de Educação**, V.11, N.3; 2017. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/2181/653>. Acesso em: 14 março; 2018, às 11:22

SILVA, Marleide de Lima; MULLER, José Luiz; As interações e brincadeiras na educação infantil. *Revista Eventos Pedagógicos*, n.2 (11. ed.), número regular, p. 241 - 250, jun./jul. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Geraldir/Documents/interação.pdf> Acesso em: 15 agosto;2018, às 12:00

SOUSA, Franciele Ribeiro; STRAUB, Sandra Luzia Wrobel; A arte de contar histórias na educação infantil. **Revista Eventos Pedagógicos** v.5, n.2, p. 122 - 131, jun./jul. 2014. Disponível em: [file:///C:/Users/Geraldir/Downloads/1483-4576-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Geraldir/Downloads/1483-4576-1-PB%20(3).pdf). Acesso em: 11 maio; 2018, às 00:10

DIDONET, Vital; UNIVESP; **Natureza e Sociedade da Educação; 2016; Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uUf6QCHjvk4>** Acesso em: 13 de outubro de 2018.

APÊNDICE A

PERGUNTAS:

A entrevista foi realizada com professores que atuam na Educação Infantil, onde responderam o seguinte questionário:

1 Quais as estratégias metodológicas são mais utilizadas para desenvolver a oralidade da criança de 4 e 5 anos?

2 Quais os benefícios que o trabalho com a oralidade proporciona às crianças?

3 - Com que frequência a roda de conversa é realizada?

4- Como planejar um ambiente favorável para o desenvolvimento da oralidade com crianças de 4 e 5 anos?

5 – Como a roda de conversa é iniciada?

6 – O professor recebe orientação para o trabalho com essa faixa etária para estimulação da linguagem?

7- Qual a importância da roda de conversa, das músicas e brincadeiras, para o desenvolvimento da oralidade?

APÊNDICE B

Entrevista

Professora 1, leciona a 1 ano na Educação Infantil, em uma instituição da rede municipal de ensino que funciona no tempo integral, onde sua sala comporta 30 crianças de 4 e 5 anos.

Relatos da professora 1

No caso tem a roda de conversa né, a gente trabalha como foi o dia deles, como foi o final de semana, a gente conversa, logo na recepção canta, quando chega, coloca música, nos dias festivos, como o dia das mães e dos pais, quando faz algum tipo de projeto, eles dão a opinião deles.

Vai desenvolvendo várias coisas conhecimento deles vai adquirindo novos conhecimentos, quando trabalha, eles descobrem coisa que antes não sabiam, desenvolvem a linguagem e a escrita. Os professores desenvolvem também a oralidade, quando trabalho um assunto que a coordenação passa o conteúdo, mesmo que a gente conheça um pouco, desconhece alguma coisa, estuda o conteúdo, e vai desenvolvendo o modo que vai falar, que faça com que as crianças tenham uma interação.

A roda de conversa é realizada todos os dias, quando eles chegam. O espaço deve ser alfabetizador, lúdico, por exemplo a chamadinha ali, eles mesmo colocam os nomes, então a sala tem que ser um ambiente em que eles se sintam à vontade, que se sintam acolhedor que eles se sintam bem, porque é impossível trabalhar qualquer tipo de conteúdo ou qualquer tipo de situação com eles se os mesmos não se sentem como estivessem em casa, então eles tem que sentirem bem no lugar onde estão.

Quando roda de conversa é iniciada, a gente faz uma roda coloca uma música, eles vão relaxando, faz uma oração, perguntam como está o tempo, eles olham pro céu. Olhe tia o tempo hoje tá nublado. vai trabalhando nesse caso o clima, a roda pode ser embaixo de uma árvore, explicando como a árvore está, pergunta: A árvore hoje tem frutos? O que são frutos? Pode ser trabalhada várias coisas não só

dentro da sala, pode ser no meio do lanche como um piquenique, colocando-os para sentar... brincar.

A pessoa quando chega recebe muita orientação da coordenação, principalmente quando chega logo e não sabe como trabalhar, como trabalhar com educação infantil porque trabalhar com educação infantil é uma forma diferenciada.

Com a roda de conversa eles se sentem acolhidos quando chegam, as músicas fazem com que eles tenham interação, aprendam várias coisas, eles vão aprender o que a gente quer passar pra eles, o desenvolvimento da oralidade trabalhando com essas coisas vai acontecendo naturalmente, sem forçar.

A criança vai se tornar um adulto com confiança quando começar a trabalhar, chegar no lugar e saber o que vai conversar e se expressar bem, vai se tornar um adulto expressivo.

Professora 2, leciona a 8 meses na Educação Infantil, em uma instituição da rede municipal de ensino que funciona no tempo integral. onde sua sala comporta 30 crianças de 4 e 5 anos.

Relatos da professora 2

Uma das estratégias é a roda de conversa, nela a gente conversa muito sobre como respeitar os coleguinhas, a musicalização que eles gostam muito e as atividades práticas.

Um dos benefícios é a interação, as crianças têm que saber, que o coleguinha tá ali um pra ajudar o outro, tem que parar com isso que tudo é meu e pronto, os colegas não gostam de trabalhar em grupo.

A roda de conversa é realizada uma ou duas vezes na semana, principalmente nas aulas lúdicas

Para a realização da roda de conversa o ambiente não pode ser tão aberto, porque qualquer coisa chama a atenção da criança, mas também não tão fechado, pra eles não ter tédio, porque ninguém gosta de ficar preso, o lugar tem que ter cores.

A roda é iniciada, primeiramente tem que tirar o tradicionalismo de ficar na cadeira, sempre é bom sentar no chão, sentir o chão, conversar, fazer pergunta, porque tudo começa com uma pergunta, a gente vai perguntando e eles respondendo, é ai onde todos se interessa pra responder, aí tem a interação deles, porque quando um começa a responder todos querem falar, todos querem atenção da mesma forma do professor e dos coleguinhas também.

A coordenadora pedagógica dá orientação explica todas as atividades. É muito interessante, é algo diferente, a criança gosta fala de sua vida, a música por exemplo aquela atirei o pau no gato, depois tem a outra parte não atire o pau no gato, a criança vai aprender que não é para maltratar os animais. Com a brincadeira o conteúdo é mais compreendido, sendo assim ajuda a desenvolver a oralidade também.

Professora 3, leciona a 3 anos na Educação Infantil, em uma instituição da rede municipal de ensino que funciona no tempo integral, onde sua sala comporta 26 crianças de 3 e 4 anos.

Relatos da professora 3

É através de muita conversa, não trabalho só com escrita, trabalho muito a rodinha de conversa, tento assimilar com o que eles tem em casa, o que eles podem trazer para a sala de aula, quando eles trazem a bagagem e distribui no contexto que está trabalhando naquela semana se é construtivo ou desconstrutivo, sempre todo dia tem uma roda de conversa, eu tento escuta-los o que eles podem trazer pra a sala de aula para a gente fazer aquela construção em cima da aprendizagem que futuramente eles vão esboçar para a sociedade.

Os benefícios são vários, o desenvolvimento de comunicação, a fala, a da expressão, isso é indispensável, porque o benefício é a construção de tudo que vai ter na sala de aula, tanto o que eles trazem de casa pra sala como eles levam da sala pra casa.

A roda de conversa é realizada todos os dias, com músicas, conto de história, conversa o que fez a noite quando saiu da escola o que eles querem fazer, eles opinam para depois fazer a construção, para que eu veja se o que estou querendo, eu estou atingindo. A roda de conversa é iniciada com uma pergunta sobre o que quer aprender naquele dia.

O espaço tem que ser aconchegante gosto de espaço que tenha música pintura sala decorada porque chama a atenção, quando trabalha um conteúdo com a letra A, tem que ter um cantinho só de desenhos com a letra estudada, porque ali vai instigá-los, todos os desenhos que eles veem, eles assimilam, tia eu vi isso em casa, isso começa com a letra A, eu vi o avião... passou, ele começa com a letra A, então a imagem esboçam o que eu quero com eles.

A roda de conversa... é sempre início com bom dia e cantamos uma música depois pergunto como foi ao sair da escola, e pergunto: Qual é a letra que vocês querem aprender hoje?

Recebemos orientação, aqui nós temos uma coordenadora que de 15 em 15 ela faz uma reunião onde ela quer que passe para ela tudo que nós absorvemos na sala de aula pra ela, ai ela dá a opinião dela como coordenadora pedagógica a gente entra em um consenso como trabalhar na próxima semana para desenvolver melhor ainda a estimulação da linguagem com eles.

O mais importante é a música, então, porque cada letra que ensino tem uma música, quando eu digo hoje vamos estudar de novo a letra A, então antes que eu termino de falar que vamos trabalhar a letra A, eles já estão cantando aquela música, então eles já tiveram um desenvolvimento até a própria fala vai desenvolver melhor a letra onde tem dificuldade ele fala melhor, as brincadeiras, as músicas, o teatro, é bom, é uma junção, mas a música pra mim que estou em sala de aula é essencial o carro chefe para trabalhar com eles que está junto com a roda de conversa, porque quando a roda é iniciada sempre tem músicas. Acredito que quando a oralidade é desenvolvida na educação infantil a criança será um adulto com mais atitude, ele será expressivo.

Professor 4, leciona a 3 anos na Educação Infantil, em uma instituição da rede municipal de ensino que funciona no tempo integral, onde sua sala comporta 26 crianças de 3 e 4 anos.

Relatos da professora 4

Então de 4 a 5 anos a gente trabalha para desenvolver a oralidade a roda de conversa, contação de história, leitura de pequenas palavras, a musicalização.

Um dos benefícios é a desenvoltura na sala de aula, elas ficam mais soltas conseguem interagir mais. A gente realiza assim que as crianças chegam e realizam a roda de conversa. O ambiente tem que ser respeitado, um ambiente acolhedor com recursos adequados planejados.

A roda de conversa é iniciada perguntando o que aconteceu quando chegam com os pais e depois vem uma oração, depois tem a musicalização, conversa mais um pouquinho e depois começa as atividades.

A coordenadora nos dá orientação, para estimular a linguagem, incentivando a fazer roda de conversa.

Vai fazer com que aquela criança se desenvolva dentro da sala, fazer com que aquela criança tímida fique mais desvolta, que ela possa conversar mais.

Professora 5, leciona a 1 ano na Educação Infantil, em uma instituição da rede municipal de ensino em tempo integral, onde sua sala comporta 26 crianças de 4 e 5 anos.

Relatos da professora 5

A atividade que é mais desenvolvida para trabalhar a oralidade é a lúdica, que é feita dia de sexta, pois é desenvolvida em grupo, onde um ajuda o outro.

Trabalha a parte social para eles aprender a se desenvolver, a parte da conversa mesmo um ajudar o outro que ajuda a desenvolver. A roda de conversa é realizada muito pouco porque aqui tem a questão do horário, tem que seguir tudo certinho se você for tentar fazer uma brincadeira com roda aí vem a cobrança de atividade de folha, de atividade de livro, aí muito pouco realiza.

Tem que um ajudar o outro e que eles trabalhem em conjunto,

A roda de conversa é iniciada através de pergunta, quando faz uma atividade mais lúdica ou uma atividade interdisciplinar, é feita a roda de conversa para perguntar a opinião de cada um.

Não tem muita orientação, é mais cobrado a parte tradicional, de atividade de folha do livro. É importante para a parte da interação com música e brincadeira se torna mais fácil, e fica chato todo dia o mesmo conteúdo, e com música e brincadeira fica mais fácil de adquirir o conhecimento. Na parte da oralidade trabalha o social cada um ia da sua opinião, com isso a criança desenvolve seu lado da expressão.

**DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E
AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, Tereza Cristina Almeida de Jesus, acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Faculdade Amadeus, regularmente matriculado sob o número 603115003, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado A Roda de Conversa como ferramenta de na Educação Infantil, sob a orientação de Maria Auxiliadora Santos, ora entregue à Faculdade Amadeus como requisito parcial a obtenção do grau de licenciatura e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Faculdade Amadeus a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Aracaju, 05 de dezembro de 2018.

Tereza Cristina Almeida de Jesus

